



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Orientação religiosa e sua relação com atitudes altruístas e perdão:
O papel mediador das emoções auto-conscientes

Fernando Montellano

Trabalho de dissertação submetido para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia das Emoções

Orientador:
Doutora Patrícia Arriaga, Investigadora Auxiliar
ISCTE-IUL

Outubro, 2012

Agradecimentos

Começo por agradecer a todos os que contribuíram para a realização deste estudo através do preenchimento de um longo questionário Online. Agradeço tanto a disponibilidade demonstrada como o tempo dispendido.

Agradeço também a todos os que, ao longo destes últimos dois anos, foram discutindo e aprofundando comigo ideias e sentimentos, emoções, comportamentos e atitudes e o seu relacionamento com o posicionamento religioso.

Não posso também deixar de agradecer aos que me ajudaram em traduções e aos que, em conjunto comigo, contribuíram para a recolha e análise dos resultados estatísticos.

Por último, uma palavra especial de agradecimento à minha orientadora que esteve sempre disponível e que com muita paciência me foi acompanhando nestes últimos dois anos, incentivando-me a terminar a minha tese. Obrigado pelo seu tempo investido em mim!

Estando este trabalho relacionado com a religião, transcrevo um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen onde sinto que a procura da presença de Deus está refletida:

“ Espero sempre por ti o dia inteiro
Quando na praia sobe, de cinza e oiro
O nevoeiro
E há em todas as coisas o agoiro
De uma fantástica vinda”
(Espero, Poesia I)¹

¹Poema retirado do livro *Mar - Antologia*, de Sophia de Mello Breyner Andersen, 2004, Editorial Caminho, p. 24.

Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo analisar o papel da religião e da orientação religiosa nas atitudes altruístas e no perdão, bem como a importância das emoções auto-conscientes nessa relação.

O trabalho foi desenvolvido através de um inquérito *online* que contou com a colaboração de 162 participantes.

Em função das respostas recolhidas sobre o posicionamento religioso dos participantes, foram constituídos três grupos: ateus/agnósticos (grupo de não religiosos), religiosos praticantes e religiosos não praticantes. Nas análises foi ainda tido em consideração o género dos participantes. No grupo de religiosos, verificámos que os praticantes reportaram maior religiosidade intrínseca e ortodoxa e os não praticantes maior religiosidade extrínseca, independentemente do sexo dos participantes. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas decorrentes do posicionamento religioso nas emoções auto-conscientes de culpa e vergonha, mas verificou-se que os religiosos praticantes relatam maior altruísmo afetivo e cognitivo por comparação com os outros dois grupos. Verificámos ainda que a culpa exerce um efeito de mediação parcial na relação entre a orientação religiosa intrínseca e o perdão e na relação entre a orientação religiosa ortodoxa e o altruísmo afetivo.

Os resultados foram analisados tendo em conta a investigação na área da psicologia da religião, sendo propostas novas direções de pesquisa futura neste domínio.

Palavras-Chave: Religião; orientação religiosa; culpa; vergonha; altruísmo; perdão.

Abstract

The main goal of the present study is to analyze the role of religion and religious orientation on altruistic attitudes and forgiveness and the relevance of self-conscious emotions in this relation.

The study was developed through an online survey, and 162 participants completed the survey.

Participants were divided in three groups: atheists/agnostics (non-religious group), religious practitioners and non-practitioners. The analysis also took into account, the gender of participants. In the religious groups it was found that practitioners reported greater intrinsic and orthodox religion orientation and non-practitioners greater extrinsic religiosity, regardless of gender. No statistical significant differences were found between religious and non-religious regarding the self-conscious emotions of guilt and shame, however, religious practitioners reported higher cognitive and affective altruistic attitudes and forgiveness compared to those the other two groups. In addition, guilt partially mediated the relationship between intrinsic religious orientation and forgiveness and the relationship between orthodox religious orientation and affective altruism.

The results were analyzed taking into account research in the psychology of religion, and suggested new directions for future research in this area.

Key-words: Religion; religious orientation; guilt; shame; altruism; forgiveness.

Índice

1 – Introdução.....	1
2 – A Religião.....	2
2.1 – O Conceito Religião.....	2
2.2 – A Orientação Religiosa de Gordon Allport.....	4
2.3 – Orientação Religiosa segundo Batson e Ventis (1982).....	6
2.4 – A Religião e sua associação com variáveis psicológicas.....	7
2.5 – Características da religiosidade católica em Portugal.....	9
3 – Emoções Auto-Conscientes: Vergonha e Culpa.....	13
4 – Atitudes Altruístas e Perdão.....	17
4.1 – Atitudes Altruístas.....	17
4.2 – Perdão.....	18
5 – Objetivos.....	21
6 – Método.....	23
6.1 – Participantes.....	23
6.2 – Medidas.....	25
6.2.1 – Orientação Religiosa.....	25
6.2.2 – Emoções Auto-Conscientes.....	28
6.2.3 – Atitudes Altruístas.....	29
6.2.4 – Perdão.....	30
6.3 – Procedimento.....	31
7 – Resultados.....	32
7.1 – Orientação Religiosa em Função da Assiduidade na Religião e do Sexo.....	32
7.2 – Emoções Auto-Conscientes em Função do Posicionamento Religioso e do Sexo.....	34
7.3 – Altruísmo em Função do Posicionamento Religioso e do Sexo.....	34
7.4 – Perdão em Função do Posicionamento Religioso e do Sexo.....	35
7.5 – Correlações entre a orientação religiosa, as emoções auto-conscientes e as atitudes prosociais.....	37
7.6 – Análises de Mediação.....	39
8 – Discussão.....	41
9 – Referências.....	47
Anexos.....	50

Índice de Quadros

Quadro 1 – Características da Religiosidade Intrínseca e da Religiosidade Extrínseca segundo Valle (1998).....	4
Quadro 2 – Evolução da assistência à missa em Portugal (em percentagem) segundo Menéndez (2007).....	10
Quadro 3 – Religiosidade em Portugal de acordo com Inquérito Social Europeu (European Social Survey, 2010).....	11
Quadro 4 – Assiduidade às Práticas Religiosas em Portugal de acordo com Inquérito Social Europeu (European Social Survey, 2010).....	12
Quadro 5 – Caracterização Sociodemográfica dos participantes.....	24
Quadro 6 – Tipo de Religião e Assiduidade religiosa dos Participantes.....	24
Quadro 7 – Religiosidade dos participantes em função do sexo.....	24
Quadro 8 – Correlações das medidas de Religiosidade.....	27
Quadro 9 – Consistência Interna das escalas de orientação religiosa.....	27
Quadro 10 – Correlações das escalas de orientação religiosa.....	28
Quadro 11 – Orientação religiosa em função da Assiduidade religiosa e Sexo.....	33
Quadro 12 – Emoções auto-conscientes, atitudes altruístas e perdão em função do Posicionamento Religioso e do Sexo.....	36
Quadro 13 – Correlações entre orientação religiosa e emoções auto-conscientes e atitudes prosociais para amostra dos Religiosos.....	37
Quadro 14 – Preditores do Altruísmo afetivo e do Perdão.....	38

Índice de Figuras

Figura 1 – Observância Religiosa em países selecionados.....	9
Figura 2 – Resultados das mediações simples.....	40

1 - Introdução

Muitas vezes somos confrontados, nas mais diversas situações, com a manifestação de emoções de vergonha e de culpa - não só em nós próprios mas também em familiares, amigos, colegas de trabalho, ou até pessoas que nos rodeiam.

Será que essas emoções se podem relacionar com o posicionamento religioso de cada indivíduo? Será que o fato de o indivíduo ser ateu e/ou agnóstico pode estar associado a emoções auto-conscientes com diferentes valências?

E será que as dimensões de orientação religiosa (extrínseca, intrínseca, ortodoxa e procura de significado) estão correlacionadas com as emoções auto-conscientes nomeadamente com a culpa e a vergonha?

Encontramos atitudes de altruísmo e perdão diferentes em função do tipo de Posicionamento Religioso – a saber, Praticantes, Não Praticantes e Ateus/Agnósticos? E serão os sentimentos de Culpa e Vergonha mediadores daquelas atitudes?

Estas são algumas questões que queremos analisar e discutir no presente trabalho.

2 - A Religião

2.1 - O Conceito Religião

Muito embora assumindo diferentes formas em diferentes culturas e em diferentes épocas, a Religião é considerada a instituição humana mais antiga.

Ao longo dos séculos, tem havido uma tendência do homem para o profano, para uma divindade, para um ente ou ser superior que possa explicar as origens do universo.

O não entendimento ou não conhecimento do homem sobre as suas origens torna a religião fascinante estando presente ao longo da história da humanidade (Konings & Zilles, 1997).

Para percebermos a importância da religião na nossa sociedade importa referir a dimensão da religião no século XX – metade da humanidade professa o monoteísmo e mais de um terço considera-se cristão.

Carl Jung (1940) na sua longa experiência de psicólogo referiu o facto de, em todos os seus pacientes, não haver nenhum cujo problema definitivo não fosse o da religião religiosa. Um outro especialista em psicologia da religião, Georg Siegmund (1965), demonstra que a necessidade de um Deus e o ir ao seu encontro deriva da inquietude da condição humana. Mesmo entre os ateus, existe um sentimento de desconforto perante a falta de fé. Pavlov, reconhecido psicólogo russo sendo ateu, considerava a sua falta de fé como uma desvantagem em comparação com os que têm fé.

Segundo Konings & Zilles (1997), a religião tanto pode ser individual como social, isto é, interior nos sentimentos e pensamentos e exteriorizada nos comportamentos e atitudes prosociais.

Será que podemos relacionar a religião com a psicologia, considerando-a como um fenómeno psicológico?

Freud (1961) em “O Futuro de uma Ilusão” transmitia a sua posição relativamente às ideias religiosas dizendo que estas eram afirmações sobre factos e condições da realidade externa ou interna que nos contavam sobre coisas que não descobríamos por nós mesmos e que exigiam a nossa crença. Acrescenta que, por causa disso a pessoa poderia ter de ouvir reprimendas das mais desagradáveis e inclusivamente era a própria pessoa que podia ferir-se a si mesma ao transmitir as suas posições em público.

Wenegrat (1990) observa a importância da psicologia antropomorfista na religião. Segundo Wenegrat, uma grande área do cérebro humano é dedicado aos sistemas sócio/cognitivos – como se no nosso cérebro existisse um “armazém” cheio de máquinas sócio/cognitivas preparadas para entrar em ação e que ao primeiro sinal são de imediato ativadas.

Os seres humanos, em geral, são jogadores sociais, e os jogadores sociais tendem a inventar Deuses que lhes servem para serem usados nos seus jogos sociais (Wenegrat, 1990).

Boyer (1994a, 1994b, 2000) descreve a importância do “sobrenatural”, isto é, a crença na religião está relacionada com fortes aspetos “sobrenaturais”. Este “sobrenatural” possui características que violam as leis normais da física (invisibilidade), da biologia (nunca morrer), e da psicologia (capacidades mentais extraordinárias como ler pensamentos). O sucesso na transmissão cultural das crenças religiosas está diretamente relacionado com o acima descrito.

Vários estudos (e.g., Banett & Nyhot, 2001; Boyer & Rumble, 2000; Norenzayan & Atran, 2003) demonstraram que as crenças “sobrenaturais” são mais bem memorizadas e postas à disposição da mente do que as intuitivas, sendo crucial para o sucesso da transmissão das crenças culturais que se vão relacionar com os famosos contos populares e narrativas religiosas presentes ao longo de várias gerações e séculos (Norenzayan & Atran, 2003).

A experiência religiosa é individual – mesmo considerando grupos de indivíduos com a mesma crença religiosa (Fowler, 1994.) – e varia entre gerações, dentro das sociedades e também através das épocas. Daí as dificuldades que ressaltam no estudo da religião – trata-se de um fenómeno não homogéneo, sendo várias as maneiras de se ser religioso. Pelo fato de o comportamento religioso assumir diversas formas e englobar conteúdos distintos, o fenómeno religioso é considerado multidimensional (King & Hunt, 1975).

O comportamento religioso e as crenças são clara e absolutamente condicionadas pela cultura e pela sociedade. A aprendizagem social continua a ser a melhor explicação para a prevalência geral da religião, para a religiosidade individual e para as mais variadas e mais dramáticas experiências religiosas (Spanos & Hewitt, 1980). As atitudes religiosas e as crenças são modificadas pelos membros dos seus grupos sociais e educacionais, da mesma maneira em que outras atitudes também são afetadas.

A variedade das tradições religiosas e a correspondência entre a tradição, o meio social e as crenças religiosas individuais são a mais óbvia prova da validade da sua relação com a aprendizagem social.

Para a questão “Porque é que as pessoas acreditam em Deus”?, a melhor resposta é: “Porque elas foram ensinadas a acreditar em Deus” (Beit-Hallahmi & Argyle, 1997).

Terminamos com a importância da religião como promotora de suporte emocional individual (Pargament, Tix & Frazier, 1998), sendo o foco do estudo deste trabalho relacionar a religião com as emoções auto-conscientes e o seu papel mediador nas atitudes altruístas e o perdão.

2.2 - Orientação religiosa de Gordon Allport

Talvez a mais amplamente conhecida aproximação à religiosidade seja a de Allport (1950) que faz a distinção entre religiosidade intrínseca – amadurecida e a extrínseca – imatura. Allport argumentou que o sentimento religioso amadurecido, ou intrínseco, é caracterizado pela procura esforçada de significado e valor. Neste sentido, a pessoa, quando intrinsecamente motivada, vive a sua religião. Em contraste, a orientação extrínseca implica uma aproximação utilitarista da religião, pelo que, a pessoa quando extrinsecamente motivada, usa a sua religião para ganhar reputação social.

Allport e Ross (1967) criaram uma escala de Orientações Religiosas que avalia orientações intrínsecas e extrínsecas e que tem sido amplamente usada em estudos empíricos sobre a religião. Os que pontuam alto na escala intrínseca têm sido considerados ser mais ortodoxos e atribuírem mais importância e valor à religião do que os que pontuam alto na escala de orientação extrínseca (e.g., Batson, 1976; King & Hunt, 1972; Spilka, Pelligrini & Dailey, 1968. Além disso as pessoas que têm maior orientação extrínseca têm sido consideradas mais dogmáticas e preconceituosas por comparação com a orientação intrínseca (Batson, 1976; Hoge & Carroll, 1978). A Escala de Orientação Religiosa também se considera correlacionada, em alguns estudos, com resultados de saúde mental - com a escala intrínseca a correlacionar positivamente com aqueles resultados e a escala extrínseca a correlacionar negativamente (Bergin, 1991). Assim, parece existir alguma validade construtiva na Escala de Orientação Religiosa e consequentemente, suporte para a teoria de Allport (1950,1959).

As características destes dois tipos de religiosidade encontram-se resumidas no quadro de Valle (1998) que reproduzimos no Quadro 1:

Quadro 1 - Características da Religiosidade Intrínseca e da Religiosidade Extrínseca segundo Valle (1998)

RELIGIOSIDADE INTRÍNSECA	RELIGIOSIDADE EXTRÍNSECA
Devoção; forte compromisso pessoal; universalista; ética; amor ao próximo.	Religião de conveniência; surgimento em momentos de crise e necessidade.
Altruísta, humanista, não-egocêntrica.	Etnocêntrica, exclusivista, fechada grupalmente.
Influencia a vida diária e dá sentido a ela.	Não se integra no cotidiano.
A fé possui importância central; é aceita sem reservas; o credo é seguido inteiramente.	Fé e crenças são superficiais; as crenças sofrem uma seleção subjetiva.
As pessoas são vistas como indivíduos.	Vê as pessoas em termos de categorias de sexo, idade e <i>status</i> .
Autoestima elevada.	Autoestima baixa ou confusa.
Vê Deus como amoroso e misericordioso.	Deus é visto como duro e punitivo.
Aberta às experiências religiosas intensas; vê positivamente a morte. Sentimentos de poder e capacidade própria.	Visão negativa da morte; sentimentos de importância e de controle externo.

Para Goldstein e Néri (1993) o indivíduo que é efetivamente religioso, aquele que internalizou as suas crenças, enquadra-se na religiosidade intrínseca - sendo a Religião um fator integrante da sua vida diária.

Ainda de acordo com Goldstein e Néri (1993) o indivíduo que coloca a Religião ao serviço das suas necessidades pessoais ou como instrumento de valorização social ou de autoproteção enquadra-se na religiosidade extrínseca - a ligação aos valores religiosos tem um caráter superficial.

Por seu lado Hunt e King (1971) consideram que na religiosidade extrínseca a Religião assume um papel meramente instrumental, sendo muitas vezes posta ao serviço de formas racionalizadas de egoísmo.

De acordo com King & Hunt (1975), a dimensão intrínseca está correlacionada positivamente com a tendência para ver o mundo em termos absolutos e em categorias rígidas. Está também correlacionada negativamente com posicionamentos de “mente aberta” a novos questionamentos religiosos, e ainda positivamente correlacionada com alguns aspetos de autoritarismo e com os dogmas da igreja (Kahoe, 1974, 1977; Kahoe & Meadow, 1981).

De acordo com Hoge, (1972), a dimensão intrínseca correlaciona-se positivamente nas respostas a três itens relacionados com o envolvimento religioso ortodoxo, nomeadamente: (1) frequência do atendimento dos serviços religiosos - ida à missa ($r=0,61$); (2) importância pessoal da religião ($r=0,84$); e (3) acreditar que Jesus é o Cristo, filho de Deus ($r=0,69$). Estes

resultados sugerem uma relação próxima entre a religião intrínseca e o envolvimento ortodoxo religioso.

Das conclusões de um estudo realizado por Bergin, Masters e Richards (1987) sobre estudantes “Mormons” ressalta a associação positiva da dimensão intrínseca de Allport a diversos índices de Bem-estar, a par com uma associação negativa desses mesmos índices para a dimensão extrínseca. Esta pesquisa subestima o argumento de que a religião é um fenómeno multidimensional e que diferentes formas de se ser religioso têm consequências divergentes.

Do lado menos positivo, as análises empíricas das medidas de Allport e Ross (e.g. Hoge, 1972; Kirkpatrick, 1989) sugerem que o modelo de dois fatores assumido pode não ser fiável e também que os itens extrínsecos podem na realidade disseminar-se em várias dimensões relativamente independentes.

2.3 - Orientação religiosa segundo Batson e Ventis (1982)

Por considerarem insatisfatória a classificação da experiência religiosa unicamente em intrínseca/extrínseca, Batson e Ventis (1982) redefiniram e ampliaram estes dois conceitos: a religião extrínseca classificaram como “religião do tipo meio”, a religião intrínseca como “religião do tipo fim” e introduziram ainda o conceito de “religião do tipo interacional ou de procura”.

Batson e Ventis (1982) introduziram, portanto, uma operacionalização alternativa das orientações religiosas, submetendo 3 escalas do seu próprio Inventário da Vida Religiosa, uma escala ortodoxa e a medição de Allport e Ross (1967) para uma maior ordenação dos fatores de análise. Juntas, estas escalas formam 3 fatores a que eles chamaram *Religião como um Meio*, *Religião como um fim* e *Religião como uma Pesquisa (Procura de significado)*.

Na “*religião do tipo meio*” o indivíduo utiliza a religião como instrumento para obter gratificações sociais - ou seja, estatuto social mais elevado, vantagens nos negócios, etc.

Na “*religião do tipo fim*” verifica-se um forte comprometimento com as doutrinas religiosas e uma valorização pessoal das práticas religiosas.

Por último e a mais original a “*Religião como uma Pesquisa*” (*Procura de significado*) avalia uma orientação para a religiosidade autocrítica, avaliadora da dúvida e refletiva.

A orientação do tipo *Procura de significado* é uma tentativa para medir a abertura à mudança e uma aproximação não dogmática à religião que Batson e Ventis sentiram estar em

falta na escala de Allport e Ross. Em diversos estudos Batson e Ventis apresentaram provas de que a orientação pela procura de significado está associada a menos preconceitos e menor rigidez e também a uma maior capacidade para dar resposta às verdadeiras necessidades dos outros (e.g. Batson & Gray 1981; Batson, Neifeh & Pate 1978; Batson & Raynor-Prince 1983).

2.4 - A religião e sua associação com variáveis psicológicas

Na investigação sobre os diferentes tipos de orientação religiosa a literatura científica tem destacado a sua associação com os seguintes conceitos:

Autoestima:

Muitos estudos mostram uma associação positiva entre a religiosidade e a autoestima (e.g. Bahr & Martin, 1983), nomeadamente em adolescentes Católicos Romanos, em que foi encontrada uma clara correlação positiva entre a religiosidade e a autoestima em cinco culturas diferentes (Smith et al., 1979).

Autoritarismo:

Adorno et al. (1950) verificaram que os membros das Igrejas nos E.U.A. eram mais etnocêntricos do que os que não tinham religião. Outros estudos registaram um maior autoritarismo nos indivíduos com crenças ortodoxas, nos Católicos e nos fundamentalistas (e.g. Brown, 1962; Putney & Middleton, 1961). Este autoritarismo também estava correlacionado com a religiosidade intrínseca e encontrou-se uma alta correlação com a educação parental. Inúmeros estudos verificaram que os pais católicos usavam maiores punições físicas, relações autocríticas e autoritarismo com os seus filhos (e.g. Elder, 1968).

Dogmatismo:

Na dimensão da personalidade chamada dogmatismo ou “pensamento fechado”, Rokeach (1960) descobriu em estudantes americanos que os alunos católicos tinham os resultados mais elevados em dogmatismo, seguidos pelos protestantes, enquanto os não religiosos tinham os resultados mais baixos. Esse dogmatismo, segundo Rokeach, leva a que os indivíduos quando são mais dogmáticos, sejam mais rígidos nos seus pensamentos, intolerantes na ambiguidade e tenham maior dificuldade em aceitar e/ou gerir novas ideias e informações.

Satisfação e qualidade de vida:

Muitos estudos e inquéritos sociais têm concluído que os religiosos estão mais satisfeitos com a sua vida comparativamente aos não religiosos. Num inquérito a 160.000 indivíduos em 14 países europeus, 89% dos que iam à igreja uma vez por semana ou mais (praticantes) estavam mais satisfeitos comparado com 77% dos que nunca tinham ido (não praticantes e/ou não religiosos), (Inglehart, 1990).

Saúde e Saúde Mental:

Levin e Landerpool (1987) encontraram uma associação positiva entre a religiosidade e a saúde subjetiva. Segundo Batson et al., (1993) há tendência para a religiosidade intrínseca ter uma correlação positiva com a saúde mental e negativa com a religiosidade extrínseca. No entanto, na dimensão da procura de significado essa relação não é clara.

Medo da morte:

Batson et al. (1993) verificaram a que o medo da morte se mostra associado negativamente à religiosidade intrínseca e apresenta uma correlação positiva, embora pequena, com a religiosidade extrínseca. Resultado semelhante foi encontrado quando relacionado com imagens positivas e negativas de morte num estudo com religiosos Cristãos (Hood & Norris, 1983). Interessante, a análise que foi feita aos indivíduos acima dos 60 anos. Swenson (1961) estudou 210 pessoas com mais de 60 anos tendo verificado que os mais fundamentalistas e/ou praticantes tinham correlações inferiores com o medo da morte em oposição aos não religiosos. O fato de se acreditar na vida após a morte era um preditor para uma maior satisfação e bem-estar.

Altruísmo:

Uma maneira de olharmos para a religiosidade e o altruísmo é medirmos a empatia, visto que estamos perante um bom indicador no que “concerne” aos outros (na nossa relação com os outros) (Watson et al., 1984).

Watson encontrou correlações que variam entre 0,26 e 0,31 entre a religiosidade intrínseca e o altruísmo mas correlação negativa com a religiosidade extrínseca. Outros estudos efetuados obtiveram resultados semelhantes relativamente à preocupação social e valores humanitários. No entanto, Batson et al., (1993) objetou que estes resultados derivavam do fato de os religiosos intrínsecos apenas querem ser vistos como indivíduos com compaixão.

Género:

Relativamente à diferença entre sexos, a literatura da psicologia da religião sobre este tema, refere que as diferenças entre homens e mulheres em termos de religiosidade são consideráveis (Beit-Hallahmi & Argyle, 1997). As mulheres são mais conservadoras ou ortodoxas na religião, isto é, elas conservam as suas crenças em Deus, Jesus filho de Deus e no pós vida num rácio superior (1,50) que os homens (Beit -Hallahmi & Argyle, 1997), num estudo em religiosos da Grã-Bretanha.

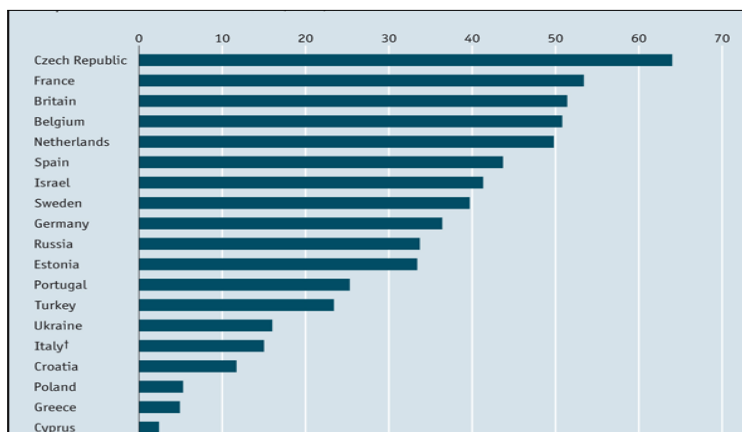
Por outro lado, a investigação tem mostrado que as mulheres apresentam maiores sentimentos de culpa e auto punitivos que os homens (Bernard, 1949; Wright, 1971).

2.5 - Características da religiosidade católica em Portugal

Em 2007, Menéndez realizou um estudo comparativo das características da religiosidade católica portuguesa com a de sete outros países europeus – designadamente Áustria, Bélgica, Espanha, França, Itália, Irlanda e Polónia. Este estudo, com 81% dos portugueses a declararem-se católicos, revela que apenas os polacos superam o grau de confiança que os portugueses depositam na Igreja. Num estudo de Menéndez de 2004 verifica-se também que – de novo a seguir aos Polacos – são também os portugueses que menos se situam à margem de qualquer confissão religiosa

Um estudo mais recente do Inquérito Social Europeu (*European Social Survey*) conduzido em 2008 e 2009, que analisou os resultados para Portugal e comparou Portugal com outros dezoito países europeus, indica que os portugueses são mais praticantes que a maioria desses países, situando-se claramente na parte inferior do “ranking” de religiosos que nunca vão à missa. (figura1)

Figura 1 - Religiosidade em países Europeus (pessoas que nunca vão à Missa/Igreja, % total) de acordo com os dados do Inquérito Social Europeu (2010)



Do estudo de Menéndez (2007) ressalta que, em Portugal, a ideia de um Deus pessoal continua a ter muita força, verificando-se uma componente tradicional muito forte na representação da divindade. Além de uma grande identificação religiosa com o catolicismo, a religiosidade portuguesa revela também uma elevada confiança na instituição eclesiástica. Embora superior à média dos 8 países estudados, a prática religiosa portuguesa – que se expressa mais na oração individual do que na assistência à missa – é inferior à sua identidade católica. A par com a manifestação de um elevado nível de crença num Deus claramente relacionado com a tradição católica, os portugueses revelam, ao mesmo tempo, mais ceticismo do que fé nas crenças do Além. A religiosidade dos portugueses surge menos relacionada com aspetos transcendentais e mais com os valores mantidos pela instituição eclesiástica na qual depositam confiança enquanto “garante da ordem moral e enquanto guia de princípios” (Menéndez, 2007), pp.761.

Quadro 2 - Evolução da assistência à missa em Portugal (em percentagem) segundo Menéndez (2007)

	1989	1990	1991	1993	1998	1999	2002	2004	2005
Semanal.....	38	34	37	28	30	36	30	30	28
Ocasional.....	37	47	44	56	50	48	48	49	49
Não vão à missa.....	22	20	17	14	19	15	22	21	22

De acordo com os valores apresentados no Quadro 2, verifica-se uma quebra nos valores de assistência à missa – entre 1989 e 2005 verifica-se uma diminuição de 10% no número de indivíduos que frequentam a missa a par com um aumento do número de pessoas que afirma nunca ir à missa. Esta perda de intensidade na prática religiosa é corroborada pela perceção da igreja portuguesa, que assume uma forte diminuição na prática religiosa. De acordo com os resultados recolhidos pelo recenseamento realizado pela própria igreja católica portuguesa em 2005, verifica-se, desde 1977, um envelhecimento progressivo dos assistentes à missa (Teixeira, 2005) – fato que vem confirmar o afastamento progressivo dos jovens (absentismo). Também o estudo de Leonor Pires e Antunes (1998) vem corroborar esta conclusão quando encontra “diferenças interrelacionais – afastamento dos mais jovens das crenças, valores e critério de vida religiosa”.

Num estudo ainda mais recente do Inquérito Social Europeu de 2010 (*European Social Survey, 2010*), para o caso Português, será interessante perceber além do tipo de religião, o índice (percentagem) do atendimento nas práticas religiosas. (Quadros 3 e 4)

Assim dos 2150 participantes Portugueses que responderam a este inquérito, 1824 (84,8%) responderam à questão sobre a religiosidade. Destes, a maioria (94,6%) respondeu professar a religião Católica e 45% frequentar os serviços religiosos em pelo menos 1 vez por mês, embora seja raro a frequência diária (1,4%) ou mais de 1 vez por semana (4,5%).

Da análise dos resultados poderemos depreender que a população portuguesa manifesta tendência para uma religiosidade mais difusa, com menor peso na vida dos indivíduos.

Quadro 3 - Religiosidade em Portugal de acordo com Inquérito Social Europeu (*European Social Survey, 2010*)

		Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Respostas	Católica	1726	80,3	94,6	94,6
Válidas	Protestante	18	0,8	1,0	95,6
	Ortodoxo	5	0,2	0,3	95,6
	Islâmica/Muçulmano	3	0,1	0,2	96,1
	Regiões Orientais (e.g.	5	0,2	0,3	96,3
	Hindu				
	Judaica	1	0,0	0,1	96,4
	Outra Cristã	63	2,9	3,5	99,8
	Outra não-Cristã	3	0,1	0,2	100,0
	Total	1824	84,4	100,0	
Respostas		326	15,2		
Invalidadas					
Total		2150	100,0		

Quadro 4 - Assiduidade às Práticas Religiosas em Portugal de acordo com Inquérito Social Europeu (European Social Survey, 2010)

		N	%	%Válida	%Cumulativa
Respostas	Todos os dias	29	1,3	1,4	1,4
Válidas	Mais de uma vez por semana	96	4,5	4,5	5,9
	Uma vez por semana	524	24,4	24,8	30,7
	Pelo menos uma vez por semana	301	14,0	14,3	45,0
	Somente em ocasiões especiais	284	13,2	13,4	58,4
	Menos ainda	365	17,0	17,3	75,7
	Nunca	513	23,9	24,3	100,0
	Total	2112	98,2	100,0	
Respostas invalidadas		38	1,8		
Total		2150	100,0		

Independentemente das tendências atuais das sociedades seculares, a religião continua a ter um papel importante na Europa Contemporânea. Segundo Meuleman (2010), estudos anteriores têm evidenciado que a religião estrutura os valores individuais e as atitudes. Simultaneamente, a religião opera como uma importante variável intermediária entre a estrutura social e as atitudes padrões por outro. Na grande maioria dos países europeus, o envolvimento na religião está positivamente relacionado com o conservadorismo e com valores auto-transcendentes. Também nos países com forte tradição religiosa, as estruturas sociais influenciam em larga extensão a adesão do indivíduo à religiosidade, sendo esse envolvimento tanto maior quanto mais secular é a sociedade (Meuleman, 2010).

3 - Emoções Auto-conscientes: Vergonha e Culpa

As emoções auto-conscientes diferem das emoções básicas porque requerem autoconsciência e autorrepresentações (Buss, 2001; Lewis et al., 1989; Tangney & Dearing, 2002). O *self* inclui um sentido de auto-consciência contínuo (o “eu”) e capacidade para autorrepresentações complexas (o “me” *self*, ou a representação mental que constitui a identidade do indivíduo).

Em conjunto, estes auto-processos possibilitam a ocorrência de autoavaliação e, consequentemente de emoções autoconscientes (James, 1890).

As primeiras manifestações de constrangimento (sentimentos comuns de auto-consciência) das crianças só se desenvolvem a partir dos 18/24 meses (Lewis, 1995). No entanto, as emoções auto-conscientes mais complexas como a vergonha ou a culpa, aparecem à volta do final do terceiro ano de vida das crianças (Izard et al., 1999; Lewis, 1995; Stipek, 1995).

Embora a maioria dos indivíduos tenha dificuldade em diferenciar a culpa da vergonha, estudos empíricos têm-nos mostrado que elas são emoções distintas.

A culpa e a vergonha não diferem tanto das situações que lhe dão origem, mas diferem sobretudo na maneira como os indivíduos, a partir da auto-reflexão e da autoavaliação, respondem às situações, fracassos ou transgressões. São emoções negativas, relevantes para o indivíduo e podem cumprir funções importantes no relacionamento e em comportamentos prosociais (Tangney, 2002).

De acordo com Tangney (2002), ambas as emoções estão na base do sistema moral e motivacional do indivíduo, sendo vistas como emoções morais pelo fato de desempenharem um papel relevante no comportamento social.

No entanto, de acordo com Tangney, a vergonha e a culpa são emoções distintas a nível moral, embora seja difícil distingui-las por serem dimensões de complexa caracterização.

De acordo com Lewis (1992) a diferença fundamental entre a vergonha e a culpa centra-se no papel do *self* porque, enquanto a vergonha envolve uma avaliação global negativa do *self* (i.e., “O que eu sou”), a culpa envolve normalmente uma avaliação negativa do comportamento pessoal (i.e., “O que eu fiz”). Este fato leva a diferenças motivacionais e comportamentais do indivíduo.

A culpa é uma emoção mais adaptativa do que a vergonha, porque enquanto nesta última, os sentimentos de vergonha são habitualmente acompanhados por uma sensação de

retraimento, de pequenez, levando a pessoa a sensações e sentimentos de desvalorização e de impotência, na culpa, pelo fato de estar relacionada com a avaliação negativa de um comportamento específico, pode levar o indivíduo a sentimentos de remorso e arrependimento acerca do que foi feito de errado, motivando o comportamento de reparação, o pedido de desculpas, a confissão, ou as tentativas para corrigir a situação e desfazer o mal (Tangney, et al., 2007).

Enquanto a vergonha se apresenta, em geral associada a sentimentos de inadequação e inferioridade (Martin, Gilbert, Mcewan & Irons, 2006), a culpa está mais associada à preocupação com o outro – existe na culpa um fator de empatia, sentimentos de responsabilização e até, por vezes, sentimentos de depressão (Tangney & Dearing, 2002).

Podemos aglutinar em 3 categorias as diferentes tentativas de diferenciação entre vergonha e culpa: (a) uma distinção baseada no tipo de acontecimentos que provoca a emoção; (b) uma distinção baseada na natureza pública versus privada do acontecimento; (c) e uma terceira distinção baseada na elaboração do acontecimento pelo indivíduo – ou “centrando-se em si própria ou no seu comportamento” (Tangney et al., 2007).

Se para alguns autores a vergonha decorre de uma variedade de situações que podem ser morais ou não morais, a culpa está mais especificamente ligada a transgressões no campo da moralidade (Ferguson et al., 1991).

Quando o indivíduo avalia negativamente o seu comportamento – estado emocional de culpa, a ação reparadora faz com que o indivíduo se veja livre desse sentimento.

Na vergonha, o fato de não haver nenhum evento específico associado, mas sim a interpretação que o indivíduo faz da situação, torna esta emoção negativa associada a sentimentos de inutilidade, inferioridade e a uma auto-imagem danificada. (Lewis, 1993), (Ausubel, 1955).

Pelo fato de a vergonha tendencialmente levar o indivíduo a responsabilizar o outro pelos acontecimentos negativos pode contribuir para a emergência de sentimentos de raiva e hostilidade e para uma menor capacidade de empatia.

Médicos têm debatido a “bypassed shame” – a vergonha que foi transformada, através de regulação, numa outra emoção, normalmente zanga ou hostilidade (Lewis, 1971; Scheff, Tetzinger & Ryan, 1989). A culpa, por contraste poderá não contribuir para emoções desta natureza. Nos indivíduos com tendência para a culpa encontra-se uma maior capacidade de empatia e de aceitação da responsabilidade dos acontecimentos interpessoais negativos (Tangney & Dearing, 2002).

As consequências psicológicas e comportamentais negativas da vergonha foram descritas em estudos (e.g., Gilbert, Pehl, & Allan, 1994; Harder, Cutler, & Rockart, 1992) relacionando experiências crônicas de vergonha com baixa autoestima, empatia reduzida, maior timidez, maior ansiedade social e a uma maior probabilidade de depressão.

Do outro lado, a empatia e a culpa aparecem numa relação que parece ser “de mão dada” tal é a mútua e estreita ligação entre esta emoção e a empatia associada (Tangney, 2002).

Em inúmeros estudos efetuados, as diferenças individuais na tendência para a vergonha, estão negativamente relacionadas com a capacidade de empatia, enquanto que, ao inverso, a tendência para a culpa está positivamente correlacionada com respostas de empatia (Tangney, 1991, 1994, 1995); Tangney, Wagner, Burggraf, Gramzow, & Fletcher, 1991). Estes resultados derivam de 11 estudos independentes, com base em dados recolhidos entre crianças, adolescentes, estudantes e adultos em diferentes situações da vida.

Segundo Trivers (1971), a sociedade influi na internalização de crenças sobre o nosso *self* sob a forma de autorepresentações reais e ideais. As emoções auto-conscientes internalizadas podem motivar ações comportamentais orientadas para alcançar metas incorporadas nestas autorepresentações. Consequentemente, embora nós possamos saber cognitivamente que devemos ajudar os outros quando eles precisam, poderá ser necessária a força psicológica de uma emoção como a culpa para nos levar a agir de forma altruísta. Pelo reforço dos comportamentos e/ou atitudes prosociais – encorajando-nos a agir de modos que promovem a aceitação social – as emoções auto-conscientes facilitam a reciprocidade interpessoal, um acordo social altamente benéfico a longo prazo.

Culpa e Religião

Segundo Allport (1950), a religião influencia muitos aspetos da vida do indivíduo incluindo crenças e expectativas sociais que podem estar relacionadas com a culpa.

A religião é reconhecida como tendo a função de um controle efetivo dos impulsos instintivos do ser humano baseado na consciência da utilização da culpa (Rasmussen & Eharman, 1995).

Por outro lado, crenças sobre o “diabo” e “demónios”, comuns na religião cristã, parecem estar associadas ao sentimento de culpa, pelo fato de os indivíduos projetarem essa mesma culpa em agentes externos, devidamente sancionados pela comunidade religiosa (Bilu & Beit-Hallami, 1989).

Na religião católica romana, o Novo Testamento tem uma grande influência na tendência do indivíduo para a culpa devido à referência do sentimento individual de culpa, que está direcionado para a consciência pessoal do pecado e consequente remorso que deve ser sentido pelo indivíduo (Faiver, O'Brien & Ingersoll, 2000).

É a predominância da estrutura religiosa judaico-cristã que reforça o sentimento de culpa nas culturas ocidentais – na medida em que nestas sociedades é a culpa que fundamenta as concepções de moralidade. Nas referências a sentimentos relacionados com ações morais é normalmente feita associação com o sentimento de culpa (Rancour-Laferriere, 2003).

Para os religiosos católicos a noção de pecado está diretamente relacionada com a culpa e também com o sentimento de vergonha (Vergote, 1988). A noção de pecado como é descrito na teologia cristã, desenvolve os sentimentos de culpa e de vergonha em virtude do permanente escrutínio do *sefl global* individual (Vergote, 1988).

No entanto vários estudos têm demonstrado que a religião direta ou indiretamente atenua esses efeitos negativos de culpa e vergonha, nomeadamente os efeitos desadaptativos de culpa e vergonha, reforçando os efeitos positivos ou adaptativos através de estratégias de “coping” (Raton, 1989; Payne et al., 1992; Pargament, 1996).

4 - Atitudes altruístas e Perdão

4.1 - Atitudes altruístas

O termo “altruísmo” deriva da palavra latim “alter” (“outro”), o qual, traduzido literalmente, significa “outro-ismo”.

Krebs & Miller, (1985) definem altruísmo como a capacidade que o indivíduo revela para agir de modo a contribuir para o bem-estar do outro, sem aspirar a qualquer recompensa por isso e mesmo quando tal exige de si próprio um esforço.

O altruísmo aparece frequentemente relacionado com as emoções de empatia e simpatia, consideradas mediadoras dos diversos comportamentos morais (Eisenberg, Miller, 1987).

Diversos estudos e pesquisas no campo da psicologia têm revelado uma alta correlação entre a empatia e o altruísmo (Hoffman, 1981, Krebs, 1982, Eisenber e Miller, 1987).

Um outro estudo de McAndrew (2000) evidenciou que indivíduos com uma personalidade altruísta tendiam a apresentar maior nível de empatia.

No entanto, de acordo com Hoffman, a empatia, sendo um fator importante, não é o único a desencadear atitudes altruístas nos indivíduos. A ligação entre emoções e o altruísmo é integrado num esquema de seleção natural onde as emoções são o instrumento modelado pela evolução (transmitida geneticamente e portanto inato aos indivíduos) com o objetivo de possibilitar um comportamento altruísta.

Já em 1853, o sociólogo francês Augusto Comte referia a ideia de que as pessoas possuem duas disposições: egoísmo e altruísmo. Comte observa que a maioria dos comportamentos humanos possui como objetivo o benefício próprio, no entanto, o desejo de ajudar os outros é um fator motivador que deve ser considerado.

Esta ideia foi mais tarde replicada por Robin (1993) no contexto da “teoria dos jogos” ou por Brams (1997) que introduz as emoções nesse contexto da teoria dos jogos. Assim, de acordo com essa teoria, os indivíduos só são geralmente generosos com quem se comporta da mesma forma, mas tendem a comportar-se incorretamente com quem não foi correto. Esta conclusão exclui a estratégia de altruísmo puro.

Na tentativa de explicação dos comportamentos altruístas, encontramos alguns teóricos que sugerem que a motivação altruísta geradora de comportamentos que visam o aumento do bem-estar do outro resulta de uma empatia interpessoal que transcende o interesse

pessoal (Batson, 1977). Por outro lado outros autores, como Rushton, consideram o altruísmo um traço de personalidade chegando até a atribuir-lhe uma origem genética (Rushton, Chrisjohn & Fekken, 1981).

Na avaliação do altruísmo devemos considerar simultaneamente comportamentos e atitudes. Deste ponto de vista, as atitudes são predisposições para “responder a uma classe de estímulos com certas classes de resposta” que podem ser classificadas em cognitiva, afetiva e comportamental. Por cognitiva entende-se o conjunto de crenças e percepções do indivíduo em relação ao objeto de atitude; a componente afetiva integra as respostas emocionais associadas àquele objeto; e a componente comportamental inclui os compromissos comportamentais suscitados (e.g., Penner, 2002; Schwartz, 1977).

Muitos estudos apresentam a culpa associada a reparação e encaram-na como geradora de atitudes de altruísmo, de empatia, de prestação de cuidados – atitudes prosociais (Batson 1997; Penner, 2000).

Será que os religiosos, têm atitudes mais altruístas que os não religiosos?

Será que a Culpa é uma variável mediadora para essa correlação positiva nos religiosos com Altruísmo?

4.2 - Perdão

Enright, Freedman & Rique (1998) definem o perdão como “uma atitude moral de vontade de renunciar a um direito de ressentimento, ao julgamento negativo e a um comportamento indiferente em relação a que nos feriu injustamente, fomentando simultaneamente qualidades de compaixão, misericórdia, generosidade e até mesmo o amor para com o outro que ofendeu” (pp. 46-47).

Um aspeto a destacar é a questão de o perdão ser considerado um estado ou um traço de personalidade. Se for considerado um estado, ele é momentâneo e passageiro. Pelo contrário, se for considerado um traço de personalidade é caracterizado por algo estável que ultrapassa situações e contextos.

Alguns estudos afirmam que a capacidade de perdoar – na medida em que é uma característica da personalidade – pode desencadear efeitos positivos quer a nível individual quer nas relações sociais; mas podem também reconhecer motivos egoístas nas manifestações de perdão (Baumeister, Exline & Sommer, 1998) ou a sua utilização para evitar problemas de justiça (Exline, Worthington, Hill & McCullough 2003).

Quando as pessoas perdoam, as suas motivações básicas ou tendências de ação em relação ao transgressor ficam mais positivas (benevolentes, generosos) e menos negativas (vingança, evitamento) (McCullough, Pargament & Thoresen, 2000).

McCullough e os seus colegas demonstraram a importância da empatia como um determinante do perdão (McCullough et al., 1997, 1998).

Em relação às diferenças entre sexos, homens e mulheres não são substancialmente diferentes na sua proporção para o perdão (Berry et al., 2001).

No entanto, não obstante os estudos interculturais sobre o perdão serem limitados, fatores culturais indicam claramente como o perdão é entendido e os fatores que o motivam e o influenciam. Por exemplo, pessoas do mundo não ocidental usam o perdão de modo diferente das pessoas do mundo ocidental (Sandage, Hill & Vang, 2003; Termoshok & Chandra, 2000).

Pessoas vindas de sociedades cuja cultura é coletivista são motivadas para perdoar por diferentes razões das pessoas de sociedades individualistas (Termoshok & Chandra, 2000).

Na literatura religiosa – nomeadamente na religião cristã – o perdão assume uma grande importância. É considerado um dos fundamentos da doutrina e os seus apoiantes são incentivados a perdoar. A doutrina religiosa promove o perdão como uma virtude, porque Deus também os perdoou – ou seja, os ensinamentos religiosos promovem, transmitem crenças e apontam métodos que têm por finalidade facilitar e promover a tendência para perdoar (Muller et al, 2003; Pargament & Rye, 1998 Rye et al., 2000; Thoresen et al., 1998).

De referir a principal oração da religião cristã, o “Pai Nosso”, onde o perdão é exortado: “Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

O perdão não deve ser visto estritamente como uma virtude religiosa embora o seu longo histórico e filosófico caminho esteja associado à religião. E nas diversas religiões, o conceito de perdão varia consoante a teologia em causa.

A religião cristã tipicamente distingue perdão com reconciliação que representa a restauração de uma relação quebrada. Nesta tradição, a completa reconciliação entre a vítima e o transgressor não é possível sem que a vítima perdoe e o perdão tem como objetivo viver a vida em harmonia com os outros.

Os autores acima referidos pressupõem que a religião facilita o ato de perdoar devido ao aumento de empatia e compaixão pelo próximo, assim como pelo fato de as pessoas religiosas terem uma visão específica e contemplativa de certas situações, o que pode facilitar a disposição para o perdão.

Tanto no continente Americano como na Europa, regiões onde o cristianismo é a religião dominante, os inúmeros estudos que têm sido desenvolvidos sobre o perdão, têm revelado uma relação positiva entre Perdão e Religiosidade: ou seja, quanto maior a religiosidade ou espiritualidade maior o número de comportamentos de perdão ((McCullough & Worthington, 1999).

Um outro estudo que abrangeu uma amostra de 944 chineses de Hong-Kong (Hui, Watkins, Wong, & Sun, 2006) apresenta tanto a filiação como a prática religiosas como fatores instigadores do perdão e da sua prática. No entanto, em situações concretas da vida, não havia diferenças significativas no Perdão entre crentes e não crentes. Os católicos/religiosos, pela sua raiz judaico-cristã manifestam alguma sofisticação no conceito de perdão e no desejo de perdoar – quer o pratiquem quer não.

Estudos realizados com estudantes universitários americanos (179, 233, 80 e 66) vieram demonstrar que a capacidade para perdoar está positivamente correlacionada com empatia, extroversão e agradabilidade, ao mesmo tempo que está negativamente associada a raiva, hostilidade, medo e ruminação vingativa (Worthington, O'Connor, Les Parrot, & Wade, 2005).

A culpa, ao induzir sofrimento, pode levar aos indivíduos a ansiar pelo perdão – como se comprova pela existência na religião de rituais específicos para a promoção da redenção e do perdão (Lukas, 1992).

No presente trabalho pretende-se estudar a correlação entre o posicionamento religioso e a atitude do perdão, nomeadamente averiguar se os religiosos têm maior atitude para perdoar que os não religiosos, se os praticantes também demonstram maior capacidade de perdão do que os não praticantes. Além disso, estudar o papel mediador das emoções auto-conscientes, culpa e vergonha com a capacidade de perdoar.

5 - Objetivos

O principal objetivo deste trabalho é estudar a relação entre a orientação religiosa, a sua relação com as atitudes altruístas e perdão e o papel mediador das emoções auto-conscientes (culpa e vergonha).

Para este efeito, procurar-se-á, numa primeira fase, analisar em que medida existem diferenças entre religiosos praticantes e não praticantes na orientação religiosa, sendo esperado que os religiosos praticantes relatem maior orientação intrínseca e ortodoxa do que os não praticantes (H1).

Procurar-se-á ainda determinar se existem diferenças entre religiosos (praticantes e não praticantes) e não religiosos no relato de culpa e vergonha, bem como no relato de atitudes altruístas e na capacidade de perdoar. Nestas análises será importante ter em consideração o sexo, na medida em que a literatura refere de modo consistente que existem diferenças entre sexos no relato de emoções como a culpa e a vergonha (Bernard, 1949; Wright, 1971), bem como na prática do perdão e do altruísmo (Opie, 1993; Eagly, 1995).

A culpa tem mostrado estar associada positivamente à religiosidade (Luyten, Corveleyn, & Fontaine, 1998) bem como a comportamentos prosociais, como sejam a empatia, a prestação de cuidados e o altruísmo (Batson, 1997; Penner, 2000).

Neste sentido, é esperado que os religiosos reportem mais emoções de culpa perante situações hipotéticas adversas que os não religiosos (H2).

É ainda esperado, que os religiosos reportem mais emoções de vergonha perante situações hipotéticas adversas que os não religiosos (H3).

Relativamente às atitudes altruístas, é esperado que os religiosos reportem mais atitudes altruístas que os não religiosos (H4).

Destacamos ainda que a relação positiva entre o perdão e a religiosidade – verificada em diversos estudos realizados na cultura ocidental (McCullough & Worthington, 1999), onde o cristianismo é a religião predominante – sugere que indivíduos que se consideram mais religiosos apresentam também mais comportamentos de perdão. Neste sentido, é esperado, no presente estudo, que os religiosos reportem uma maior capacidade de perdoar do que os não religiosos (H5).

Numa segunda fase, e apenas nos indivíduos que reportem ser religiosos, será analisada a relação entre as diferentes dimensões de orientação religiosa, as emoções auto-conscientes de culpa e vergonha e as atitudes altruístas e o perdão.

Estudos anteriores evidenciam que a religiosidade intrínseca apresenta uma associação positiva com maiores relatos de sentimentos de culpa (e.g., Watson et al., 1987). Neste sentido, é esperado que quanto maior a religiosidade intrínseca, maior o relato de culpa (H6).

De acordo com os estudos de Batson e colegas (1987, 1997), a orientação religiosa para a Procura de significado seria um melhor preditor de altruísmo e saúde mental que a religiosidade intrínseca. Mas tanto a religiosidade orientada pela procura de significado como a religiosidade intrínseca estão correlacionadas com outros traços de personalidade e atitudes. Por exemplo, Batson e Gray (1981) criaram uma situação onde sujeitos ajudavam uma rapariga que se encontrava só. Enquanto os religiosos intrínsecos ajudavam de forma espontânea sem serem solicitados, os religiosos com alta orientação religiosa para a procura de significado somente a ajudavam quando eram solicitados. Este exemplo sugere que, embora tanto os religiosos intrínsecos como os religiosos orientados pela procura de significado estejam na disposição de ajudar a rapariga, há diferenças de atitude e de comportamento nas suas ações.

Com base na literatura revista, é esperada uma associação positiva entre a religiosidade intrínseca e um maior relato de atitudes altruístas (H7).

Por último, a investigação também sugere que as pessoas que se consideram mais religiosas têm mais comportamentos de perdão (McCullough & Worthington, 1999). Assim, espera-se que maiores atitudes de perdão se mostrem associadas a uma maior orientação para a religião intrínseca (H8).

Além destas hipóteses, alicerçadas em estudos empíricos prévios, o presente estudo pretende ainda contribuir para a compreensão da relação entre as diferentes dimensões de orientação religiosa e as atitudes altruístas e o perdão, considerando a nível exploratório a possível mediação das emoções auto-conscientes, designadamente da culpa e da vergonha.

6 - Método

6.1 - Participantes

A amostra é de conveniência tendo sido recolhida *online* por meio de bola de neve na rede social do autor e através de contatos na Universidade.

Os inquéritos foram disponibilizados via internet e usado o programa “Qualtrics”, que permitiu aos participantes responder diretamente aos questionários sem serem identificados. A divulgação do inquérito foi efetuada por email.

A participação foi voluntária e todos os participantes foram informados do tópico de investigação, confidencialidade das respostas individuais e duração esperada para o preenchimento do inquérito.

Responderam ao inquérito 229 participantes. Entre estes, foi necessário eliminar 67 respostas (29%) em virtude de incongruências (resultado sempre com a mesma pontuação) e/ou desistência (ausência de resposta em pelo menos um dos inquéritos e/ou mais de 30% de ausência de respostas a itens de um único inquérito) pelo que o resultado final das respostas válidas foi de 162 participantes.

A caracterização sociodemográfica da amostra é apresentada no Quadro 5.

A amostra é assim constituída por 162 indivíduos, sendo 53,1% do sexo feminino e 46,9% do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17 e os 80 anos ($M = 42,64$; $DP=11,98$).

Apesar desta larga amplitude etária, a maioria (57,4%) dos inquiridos tem entre os 36 e os 55 anos.

Quanto ao estado civil 37,0% dos participantes são casados, seguindo-se os solteiros e os separados/divorciados que representam respetivamente 27,2% e 26,5% dos inquiridos.

A maioria dos inquiridos tem filhos (62,3%) e o número de filhos varia entre 1 e 6.

No que se refere às habilitações literárias verifica-se que a maioria dos participantes frequentou ensino superior, com cerca de metade dos inquiridos (58,6%) com habilitações ao nível da licenciatura, 24,1% com mestrado e três com doutoramento (1,9%).

Relativamente ao tipo de religião verificámos que 80,2% são católicos.

Em termos de assiduidade religiosa dos participantes, 55,3% declararam ir pelo menos uma vez por mês à missa (praticantes).

No que se refere à religiosidade dos participantes em função do sexo, 53,1% dos inquiridos são do sexo feminino, representando 53,6% dos não religiosos e 53,0% dos religiosos.

Quadro 5- Caracterização Sociodemográfica dos participantes

		N	%
Sexo	Feminino	86	53,1%
	Masculino	76	46,9%
Grupo Etário	Até 25	14	8,6%
	26 – 35	41	25,3%
	36 – 45	28	17,3%
	46 – 55	65	40,1%
	56 – 65	11	6,8%
	Mais de 66	3	1,9%
Estado Civil	Solteiro (a)	44	27,2%
	Casado (a)	60	37,0%
	Separado (a) / Divorciado (a)	43	26,5%
	Viúvo (a)	5	3,1%
	União de facto	10	6,2%
Filhos	Não tem filhos	61	37,7%
	Tem filhos	101	62,3%
Habilitações Literárias	Ensino Secundário	25	15,4%
	Licenciatura	95	58,6%
	Mestrado	39	24,1%
	Doutoramento	3	1,9%

Quadro 6 - Tipo de Religião e Assiduidade religiosa dos Participantes

		N	%
Religião	Ateu / Agnóstico	28	17,3%
	Católica	130	80,2%
	Outra	4	2,5%
Praticante	Sim	73	55,3%
	Não	59	44,7%

Quadro 7 - Religiosidade dos participantes em função do sexo

		Religiosidade			
		Não religioso	Religioso	Total	
Sexo	Feminino	<i>N</i>	15	71	86
		%	53,6%	53,0%	53,1%
	Masculino	<i>N</i>	13	63	76
		%	46,4%	47,0%	46,9%
	Total	<i>N</i>	28	134	162
		%	100%	100%	100%

Verificámos ainda que existe uma distribuição homogénea de ambos os sexos pelos grupos de inquiridos religiosos e não religiosos, $\chi^2 (1, N=162) = 0,003, p = 0,96$.

6.2 - Medidas

6.2.1 - Orientação Religiosa

No presente estudo, para avaliação da religiosidade, utilizámos itens de dois instrumentos: a Escala de Orientação para a Religião (*Religious Orientation Scale*, ROS, desenvolvida por Allport e Ross, 1967), que pretende avaliar a religiosidade extrínseca e a intrínseca, e duas escalas desenvolvidas por Batson e Ventis (1982), que pretendem avaliar a religiosidade ortodoxa e o uso da religião como Procura de Significado.

A ROS foi originalmente desenvolvida para avaliar a orientação religiosa em duas dimensões: orientação extrínseca, que se caracteriza pelo recurso à religião com um sentido utilitário, nomeadamente para proteção de si próprio ou como ganho social; (11 itens, exemplo: “o mais importante na Igreja é ser um local para desenvolver boas relações sociais”) e a orientação intrínseca, que corresponderia a uma religiosidade como um fim em si mesmo e que se reflete em várias áreas da vida do indivíduo (9 itens, exemplo: “Esforço-me para que a minha religião esteja associada a tudo o que faço na vida”). Estas duas dimensões estão de acordo com a teoria de Allport relativamente à dissociação entre religiosidade madura e imatura. Vários estudos têm mostrado a diferenciação destes dois tipos de orientação em áreas como o estilo individual de lidar com problemas (Allport, 1950), o narcisismo (Kahoe, 1974), a culpa (Watson e tal. 1987), o medo de morte (Spilka et al. 1977), ou o preconceito (Kahoe, 1974). Por exemplo, os estudos de Batson (1976) e de Hoge e Carroll (1978) evidenciaram que os indivíduos com maior orientação extrínseca tendem a ser mais dogmáticos e preconceituosos do que os indivíduos com maior orientação intrínseca.

A média de 34 estudos reportou que a correlação média entre religiosidade intrínseca e extrínseca era muito baixa, sugerido tratar-se de dois tipos de religiosidade independentes (Donahue, 1985).

Porém, Batson e Ventis (1982) reviram criticamente a teoria de Allport (1950,1959) e a escala que a operacionaliza. Sugeriram que apesar de a escala extrínseca poder medir um estilo de religião mais auto-orientado e utilitário, a escala intrínseca pode não atingir o que é pretendido. Os autores argumentaram que os resultados intrínsecos podem refletir uma tendência para a identificação com dogmas e autoridade religiosas de um modo acrítico e por

isso não refletir apenas orientações amadurecidas. Os autores compararam a pessoa intrinsecamente religiosa de Allport e Ross (1967) com o “verdadeiro crente” de Hoffer (1951) sugerindo que tal indivíduo pode ser rígido ou mesmo fanático.

Batson e Ventis (1982) introduziram duas dimensões importantes: a religião ortodoxa e a religião como procura de significado. A dimensão ortodoxa remete para um comprometimento religioso e pretende avaliar as crenças nas doutrinas tradicionais judaico-cristãs (exemplo: “Acredito que Jesus Cristo é filho de Divino Deus”). A religião como Procura de significado avalia uma orientação para a religiosidade reflexiva. Trata-se de uma abordagem que envolve a procura de sentido e significado para questões existenciais (exemplo: “Estou constantemente a interrogar as minhas crenças religiosas”).

Spilka, Kojetin e McIntosh (1985) sugeriram que a Procura de significado media o conflito na própria religião. No entanto Batson e coautores, (1993) afirmaram que a Procura de significado refletia uma procura ativa na resolução desses conflitos (Batson et al. 1993; cf. Beit-Hallahmi & Argyle, 1997).

A investigação tem mostrado que a escala Procura de significado acrescenta assim informação sobre a religiosidade de um indivíduo, na medida em que tem mostrado não estar associada às dimensões intrínseca e extrínseca, e apresenta uma relação negativa fraca com a escala ortodoxa (cf. Beit-Hallahmi & Argyle, 1997).

A escala Procura de significado será assim uma medida de religião como Pesquisa/interpelação.

No nosso trabalho sobre a Orientação Religiosa, usámos a escala intrínseca e extrínseca de Allport e Ross e acrescentámos as escalas de Religião enquanto Procura de significado e Ortodoxa, sendo estas últimas compostas por doze itens. No geral, o instrumento aplicado é composto por 44 itens e apresenta um formato de resposta que varia de 1 (discordo fortemente) a 9 (concordo fortemente).

No quadro 8 apresentamos os resultados das correlações entre as medidas de orientação religiosa apuradas num estudo de Batson e Ventis (1982) abrangendo 424 estudantes católicos.

Quadro 8 - Correlações das medidas de orientação religiosa

<u>Escalas</u>	<u>Extrínseca</u>	<u>Intrínseca</u>	<u>Procura de Significado</u>	<u>Ortodoxa</u>
Extrínseca	0,72 ^a	- 0,05	0,16	-0,04
Intrínseca		0,83	-0,05	0,55
Procura de Significado			0,78	- 0,25
Ortodoxa				0,91

^a Os resultados em diagonal são os coeficientes de consistência interna (Cronbach's alpha)

Verificamos pelo Quadro 8 uma correlação alta da escala intrínseca de Allport com a escala ortodoxa de Batson sugerindo que as medidas de devoção relacionadas com a religiosidade intrínseca estão correlacionadas com as crenças ortodoxas. Tanto a escala extrínseca como a escala Procura de significado reportam resultados sugerindo que são escalas independentes que medem a dimensão extrínseca e a dimensão de procura de significado.

No presente estudo foi analisada a consistência interna das escalas através do alfa de Cronbach.²

Quadro 9 - Consistência interna das escalas de orientação religiosa

<u>Escalas de Religiosidade</u>	<u>Alfa de Cronbach</u>
Extrínseca (11 itens)	0,78
Intrínseca (9 itens)	0,88
Procura de Significado (12 itens)	0,78
Ortodoxa (12 itens)	0,95

Como se pode verificar pela análise do Quadro 9, qualquer dos índices construídos apresenta uma consistência interna adequada, com um valor de alfa próximo de 0,8 nas escalas Extrínseca e Procura de significado e acima de 0,9 na Escala Ortodoxa. No geral, os participantes religiosos reportam uma maior orientação ortodoxa ($M=6,30$); seguida por uma orientação Intrínseca ($M=5,71$), Procura de Significado ($M=4,82$) e Extrínseca ($M=3,74$).

²Segundo Pestana e Gageiro (2003), o Alpha Cronbach é uma das medidas mais utilizadas para a verificação da consistência interna de um grupo de variáveis, definindo-se como a correlação que se espera obter entre a escala usada e outras escalas hipotéticas do mesmo universo, com igual número de itens que meçam a mesma característica. Os valores variam entre 0 e 1, considerando-se os valores acima de 0,7 como indicativos de padrões correlacionais aceitáveis.

Quadro 10 - Correlações das escalas de orientação religiosa

<u>Dimensões</u>	<u>Extrínseca</u>	<u>Intrínseca</u>	<u>Ortodoxa</u>
Intrínseca	-0,33**		
Ortodoxa	-0,32**	0,74**	
Procura de Significado	-0,38**	0,04	-0,08

** $p < 0,01$

Também no presente estudo se verifica uma forte correlação positiva entre a dimensão intrínseca e a dimensão ortodoxa. Estes resultados sugerem que os indivíduos que se identificam com a dimensão intrínseca também se identificam com a dimensão ortodoxa – embora seja possível diferenciá-los em religiosidades diferentes, na medida em que a intrínseca está mais relacionada com uma extensão da religião na maioria das ações da vida do indivíduo (ex: “Esforço-me para que a minha religião esteja associada a tudo o que faço na vida”) e a ortodoxa mais relacionada com a identificação em crenças e dogmas religiosos (ex: “Acredito que Deus criou o Universo”).

6.2.2 - Emoções Auto-Conscientes

Na avaliação das emoções auto-conscientes de culpa e vergonha utilizamos a terceira revisão do Teste de Afetos Auto-conscientes (Tosca 3, *Test of Self Conscious Affect*) de Tangney, Wagner e Gramzow (1989, citados por Tangney, 2000).

Este teste diferencia as seguintes emoções auto-conscientes: vergonha, culpa, orgulho alfa e beta, externalização e desligamento.

O Tosca 3 permite assim que os indivíduos descrevam as suas respostas emocionais perante cenários hipotéticos em contextos e situações específicas da vida real.

É característica deste teste evitar que os participantes assumam uma postura defensiva, uma vez que as palavras “culpa” e “vergonha” não aparecem nas várias situações onde os cenários são apresentados – não são, portanto, identificados.

O Tosca 3 é composto por 16 cenários, cinco com valência positiva e onze com valência negativa. Cada cenário apresenta hipóteses de situações que os indivíduos podem encontrar no dia-a-dia, seguidas das reações mais prováveis a essas situações. Confrontados com cada cenário os participantes tenderão a imaginar-se a vivenciar o cenário proposto; em

seguida é-lhes solicitado que indiquem – através de uma escala tipo Likert de 5 pontos – a probabilidade de ocorrência, para si próprio de cada uma das reações propostas. “Às cinco da tarde deu-se conta que deixou o seu amigo pendurado”. Para a maioria dos cenários as diferentes respostas podem indicar características afetivas, cognitivas e comportamentais associadas às emoções auto-conscientes da vergonha, culpa, orgulho, externalização e desligamento, embora nem todos os cenários contemplem estas diferentes emoções.

Como o propósito do nosso trabalho é estudar somente as emoções de culpa e de vergonha, e embora tenhamos recolhido todas as emoções que são avaliadas na Tosca, apenas nos preocupámos em analisar os dados da culpa e da vergonha e sua relação com as variáveis de orientação religiosa e as atitudes altruístas e o perdão.

Em estudos anteriores, nomeadamente com estudantes e adultos (Hanson & Tangney, 1995), foram reportados alfas de Cronbach de 0,78 para a culpa e de 0,77 para a vergonha correspondendo a uma elevada consistência interna (Tangney & Dearing, 2002). No presente estudo, a consistência interna foi de $\alpha = 0,76$ para a vergonha e $\alpha = 0,68$ para culpa, sendo considerado valores aceitáveis.

6.2.3 - Atitudes Altruístas

Para avaliarmos as atitudes altruístas usámos a escala de atitudes altruístas (EAA) de Loureiro e Lima (2009).

Esta escala é composta por doze itens divididos em 3 subescalas (cognitiva, afetiva e comportamental). Cada subescala é composta por quatro itens. Assim o conjunto das três subescalas permite avaliar as atitudes altruístas em cada uma das suas componentes: cognitiva, afetiva e comportamental. Todas as três subescalas têm cinco pontos, diferindo consoante a componente avaliada, o seu significado.

Assim, na componente cognitiva (1=“discordo totalmente”; 5=“concordo totalmente”), esta subescala refere-se a crenças e perceções do indivíduo sobre o objeto da atitude, sendo pedido ao participante para assinalar o seu grau de concordância em cada uma das quatro afirmações. Na componente afetiva (1 = “muito mal” ; 5 = “muito bem”) são avaliadas as respostas emocionais associadas à dimensão afetiva e as questões/afirmações, solicitam ao participante que indique como se sentiria se realizasse as ações descritas. Por último, na componente comportamental (1 = “nunca” ; 5 “fiz muitas vezes”), estão relacionados os

compromissos comportamentais dos participantes, pedindo-lhes que no conjunto de situações comportamentais, registem a frequência desses mesmos comportamentos.

Os itens apresentados – tanto para as definições de altruísmo como para as escalas de atitudes altruístas – foram recolhidos de definições da literatura. Os itens remetem para cognições e comportamentos definidos na literatura como altruístas, referindo-se a comportamentos de ajuda direta e de contribuição para o bem-estar de outros (exemplo: “ajudar um colega que não se conhece muito bem num trabalho, quando o meu conhecimento é maior que o dele”), bem como de afeto (exemplo: cuidar de alguém sem estar à espera de recompensa”) e de cognição (exemplo: “acho que, neste mundo, cada qual tem é de tratar de si”).

Consideramos aceitáveis os níveis de fiabilidade encontrados nos valores apresentados nas diferentes escalas, seja ao nível das correlações inter-itens, seja ao nível das correlações item-teste (Loureiro e Lima, 2009).

No presente estudo, o altruísmo cognitivo apresenta um valor de alfa de *Cronbach* reduzido (0,57). Já os índices de altruísmo afetivo e comportamental apresentam valores de 0,86 e de 0,78, respetivamente, o que corresponde a uma elevada consistência interna.

6.2.4 - Perdão

Para avaliar a perceção do participante sobre a sua capacidade para o perdão foi usada a escala de Perdão-Traço (TFS; Trait Forgivingness Scale, Worthington, Jr, O'Connor, Les Parrott III, & Wade, 2005) composta por 10 itens (Exemplos: “Mesmo após ter perdoado alguém, lembro-me com frequência de coisas com as quais fiquei ressentido”; “Procuro perdoar os outros, mesmo quando eles não se sentem culpados pelo que me fizeram”). Destes dez itens, metade apresenta valência positiva. Os participantes são solicitados a responderem acerca dos seus comportamentos, tendências e atitudes para perdoar, numa escala de cinco pontos (em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 a “concordo totalmente”).

A TFS deriva de uma longa escala usada em estudos prévios (Berry & Worthington, 2001) e tem mostrado validade empírica, sendo uma medida rápida do traço “capacidade de perdoar”. A TSF demonstrou adequadas propriedades psicométricas em quatro estudos realizados com estudantes universitários (Berry & Worthington, 2001), com valores alfas de Cronbach adequados que variaram entre 0,80 e 0,74.

No presente estudo a TFS apresentou uma boa consistência interna ($\alpha=0,80$).

6.3 - Procedimento

Para este estudo foi aplicado um inquérito/questionário (ver anexo A) online através do *Qualtrics Survey* software que regista as respostas de cada participante.

No início do questionário foi descrito um consentimento informado de modo a que cada participante imediatamente percebesse, que as suas respostas seriam anónimas e confidenciais; que poderia abandonar o preenchimento do questionário em qualquer altura; que a resposta a todos os itens demoraria aproximadamente 20 minutos, e que o objetivo do inquérito seria estudar a Religiosidade em Portugal.

Os questionários foram apresentados pela seguinte ordem: Escalas de Religiosidade, Teste de Emoções auto-conscientes, Escalas de Perdão e Escala Altruísmo.

De referir que na escala religiosa houve aleatorização das questões dentro de cada dimensão de religiosidade de modo a que o seu entendimento por parte dos participantes não fosse reconhecido.

O inquérito foi colocado *online* na rede social do autor, através de contactos da sua universidade, e por meio de bola de neve difundido via internet.

A data de divulgação e recolha dos inquéritos decorreu entre 4 de Maio e 9 de Outubro de 2011.

7 - Resultados

7.1 - Orientação religiosa em Função da Assiduidade na Religião e do Sexo

Com o objetivo de analisar o posicionamento dos indivíduos nas quatro dimensões de religiosidade (intrínseca, extrínseca, ortodoxa, e procura de significado) em função do sexo e da assiduidade na religião realizou-se uma análise da variância multivariada (MANOVA) com dois fatores intersujeitos, 2 (Sexo: masculino, Feminino) x 2 (Assiduidade: praticante, não praticante).³

A MANOVA revelou um efeito significativo da assiduidade nas dimensões de religiosidade (Wilk's $\lambda = 0,65$; $F(4,127)=17,38$; $p<0,001$; $\eta_p^2=0,33$), mas o efeito do sexo e a interação Sexo X Assiduidade não foi estatisticamente significativo ($p>0,05$). Os resultados são apresentados no Quadro 11.

Detetado o efeito significativo da Assiduidade prosseguiu-se para as análises de variância univariadas (ANOVAs), verificando-se diferenças estatisticamente significativas entre praticantes e não praticantes na religiosidade extrínseca $F(1,130)=14,99$; $p<0,001$; $\eta_p^2=0,10$, intrínseca $F(1,130)=62,99$; $p<0,001$; $\eta_p^2=0,33$ e na religiosidade ortodoxa $F(1,130)=41,01$; $p=0,001$; $\eta_p^2=0,24$.

Os indivíduos não praticantes apresentam valores mais elevados na religiosidade extrínseca do que os indivíduos praticantes ($M=4,19$; $DP=1,15$ vs $M=3,38$; $DP=1,27$).

Por contraste, são os indivíduos praticantes que apresentam valores mais elevados relativamente aos não praticantes na religiosidade intrínseca ($M=6,69$; $DP=1,36$ vs $M=4,50$; $DP=1,69$) e na ortodoxa ($M=7,27$; $DP=1,60$ vs $M=5,01$; $DP=2,19$). Não houve diferenças significativas entre praticantes e não praticantes na procura de significado.

³ Foram validados os pressupostos da normalidade multivariada e da homogeneidade de variâncias-covariâncias.

Quadro 11 - Orientação religiosa em função da Assiduidade religiosa e Sexo.

Assiduidade na religião													F (1,130)		
	Praticante						Não Praticante						Assiduidade	Sexo	Interação
	Feminino (N = 48)		Masculino (N = 26)		Total (N =74)		Feminino (N = 23)		Masculino (N = 37)		Total (N = 60)				
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
Orientação Religiosa (1 – 9)													17,38 ***	0,21	1,66
Extrínseca	3,50	1,25	3,17	1,31	3,38	1,27	4,18	0,89	4,19	1,30	4,19	1,15	14,99 ***	0,54	0,60
Intrínseca	6,72	1,19	6,65	1,64	6,69	1,36	4,50	1,66	4,50	1,73	4,50	1,69	62,99 ***	0,01	0,03
Procura de Significado	4,74	1,47	4,77	1,54	4,75	1,49	5,15	0,93	4,75	1,19	4,90	1,10	0,65	0,58	0,82
Ortodoxa	7,09	1,56	7,59	1,65	7,27	1,60	5,36	2,16	4,95	2,24	5,10	2,20	41,01 ***	0,02	1,78

Nota, As respostas foram cotadas de modo a que uma maior pontuação correspondesse a valores mais elevados em cada uma das escalas.

Entre parêntesis encontra-se o intervalo possível de resposta em cada escala. . ***p<0,001.

7.2 - Emoções Auto-Conscientes em Função do Posicionamento Religioso e do Sexo

Para analisar se o relato de vergonha e de culpa dependem do posicionamento religioso (Ateu/agnóstico, religioso não praticante, religioso praticante) e do sexo (masculino, feminino), foi efetuada uma MANOVA (ver os resultados no Quadro 12).⁴

Os resultados da MANOVA revelam o efeito significativo do sexo (Wilk's $\lambda=0,80$; $F(2,155)=15,17$, $p<0,001$; $\eta_p^2=0,16$) nas emoções auto-conscientes em estudo (culpa e vergonha), mas não se verificou um efeito do posicionamento religioso, nem interação entre esta última variável e o sexo, sugerindo que as diferenças entre sexos são independentes do posicionamento religioso.

ANOVAs subsequentes evidenciam diferenças entre sexos na vergonha $F(1, 156)=29,88$; $p<0,001$; $\eta_p^2=0,16$, e na culpa, $F(1, 156)=4,79$; $p<0,05$; $\eta_p^2=0,03$, sendo as mulheres a reportar mais pensamentos e tendências para a ação associadas a experiências de vergonha ($M=2,68$; $DP=0,66$ vs $M=2,20$; $DP=0,62$) e culpa ($M=4,36$; $DP=0,56$ vs $M=4,09$; $DP=0,74$) perante situações isoladas de eventos negativos.

7.3 - Altruísmo em Função do Posicionamento Religioso e do Sexo

Os resultados no altruísmo (cognitivo, afetivo, comportamental) foram igualmente analisados em função do posicionamento religioso e do sexo através de uma MANOVA.⁵

Os resultados da MANOVA sugerem diferenças no posicionamento religioso em relação ao altruísmo, Wilk's $\lambda= 0,91$, $F(6,290)= 2,39$, $p<0,05$, $\eta_p^2= 0,047$), mas não foi detetado um efeito significativo do sexo ou interação entre esta variável e o posicionamento religioso ($ps>0,05$).

De acordo com posteriores ANOVAs, verifica-se que as diferenças no posicionamento religioso registam-se no altruísmo afetivo, $F(2, 147)=3,16$; $p<0,05$; $\eta_p^2=0,04$ e cognitivo $F(2, 147)=4,42$; $p<0,05$; $\eta_p^2=0,06$. Como se pode observar no Quadro 12, os praticantes são os que reportam maior altruísmo afetivo e cognitivo, diferindo significativamente dos religiosos não praticantes ($p<0,05$).

Não houve, porém, diferenças no posicionamento religioso em relação ao comportamento altruísta ($p>0,05$).

⁴ Foram validados os pressupostos da normalidade multivariada e da homogeneidade de variâncias-covariâncias.

⁵ Foram validados os pressupostos da normalidade multivariada e da homogeneidade de variâncias-covariâncias.

7.4 - Perdão em Função do Posicionamento Religioso e do Sexo

Para avaliar se o relato de perdão varia em função do sexo e do posicionamento religioso realizou-se uma ANOVA⁶. Os resultados são apresentados no Quadro 12.

A ANOVA revela apenas um efeito significativo do posicionamento religioso $F(2, 148)=10,74$; $\eta_p^2=0,127$. Verifica-se que os religiosos praticantes são os que relatam ter maior tendência para o perdão, diferindo significativamente dos religiosos não praticantes e dos não religiosos ($p<0,001$).

⁶ Foram validados os pressupostos da normalidade e da homogeneidade de variâncias.

Quadro 12 - Emoções auto-conscientes, atitudes altruístas e perdão em função do Posicionamento Religioso e do Sexo.

	Posicionamento Religioso (N = 162)																		F		
	Praticante						Não Praticante						Não religiosos						Posicionamento Religioso F(2,156)	Sexo F(1,156)	Interacção F(2,156)
	Feminino (N = 48)		Masculino (N = 26)		Total (N =74)		Feminino (N = 23)		Masculino (N = 37)		Total (N = 60)		Feminino (N = 15)		Masculino (N = 13)		Total (N = 28)				
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP			
EMOÇÕES AUTO-CONSCIENTES (1 – 5)																			1,83 *	6,15***	1,74 *
Vergonha	2,61	0,62	2,29	0,66	2,50	0,65	2,68	0,69	2,26	0,58	2,42	0,65	2,92	0,74	1,86	0,56	2,43	0,85	0,15	29,88***	3,66*
Culpa	4,40	0,58	4,31	0,44	4,36	0,53	4,30	0,52	3,97	0,81	4,09	0,73	4,32	0,57	3,40	0,97	4,17	0,78	2,01	4,79*	0,64
ATITUDES ALTRUÍSTAS																					
Altruísmo Afetivo	4,48	0,43	4,84	0,37	4,80	0,41	4,74	0,31	4,41	0,76	4,53	0,65	4,52	0,61	4,71	0,42	4,61	0,53	3,16*	0,064	2,86
Altruísmo Cognitivo	4,27	0,69	4,20	0,62	4,24	0,66	3,73	0,93	3,94	0,64	3,86	0,76	4,27	0,89	3,92	0,71	4,11	0,82	4,42*	0,26	1,41
Altruísmo Comportamental	4,58	0,57	4,53	0,53	4,56	0,55	4,40	0,58	4,48	0,74	4,45	0,68	4,42	0,64	4,52	0,53	4,46	0,58	0,54	0,16	0,23
PERDÃO	3,82	0,69	4,03	0,58	3,90	0,65	3,42	0,72	3,48	0,62	3,46	0,65	3,40	1,02	3,18	0,69	3,30	0,87	10,74***	0,02	0,90

Nota, As respostas foram cotadas de modo a que uma maior pontuação correspondesse a valores mais elevados em cada uma das escalas.

Entre parêntesis encontra-se o intervalo possível de resposta em cada escala. *** $p < 0,001$, * $p < 0,05$

7.5 - Relações entre a orientação religiosa, as emoções auto-conscientes e as atitudes prosociais e o perdão

Foram efetuadas análises de correlação de Pearson entre cada dimensão de orientação religiosa e as emoções auto-conscientes, altruísmo e perdão nas amostras de religiosos (praticantes e não praticantes).

Quadro 13 - Correlações entre orientação religiosa e emoções auto-conscientes e atitudes prosociais para amostra de Religiosos

	<u>Orientação Religiosa</u>			
	<u>Extrínseca</u>	<u>Intrínseca</u>	<u>Ortodoxa</u>	<u>Procura de Significado</u>
EMOÇÕES				
Vergonha	0,09	0,08	0,08	0,13
Culpa	0,07	0,24**	0,21*	0,18*
ATITUDES				
Altruísmo Afetivo	0,11	0,30**	0,36**	0,09
Altruísmo Cognitivo	-0,10	0,20*	0,10	0,04
Altruísmo Comportamental	0,16	0,17	0,17	0,19*
PERDÃO	-0,22*	0,29*	0,21*	0,07

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; N varia entre 126 e 162

Em geral, as correlações estatisticamente significativas entre as dimensões de orientação religiosa, as emoções, as atitudes altruístas e o perdão, apresentaram-se baixas. Salientamos, no entanto, que entre as duas emoções auto-conscientes em estudo, apenas a culpa se mostrou associada às orientações religiosas Intrínseca, $r(134) = 0,24$, $p < 0,01$, Ortodoxa, $r(134) = 0,21$, $p < 0,05$, e Procura de Significado, $r(134) = 0,18$, $p < 0,05$.

No que se refere ao perdão, destaca-se a sua relação negativa com a religiosidade extrínseca, $r(126) = -0,22$, $p < 0,05$, e, por contraste, a sua associação positiva com a religiosidade intrínseca, $r(126) = 0,29$, $p < 0,05$, e ortodoxa $r(126) = 0,21$, $p < 0,05$.

No que diz respeito ao altruísmo, verifica-se que a religiosidade intrínseca se mostra associada positivamente ao altruísmo no geral, $r(126) = 0,26$, $p < 0,01$, mas com valores significativos apenas no altruísmo afetivo, $r(125) = 0,30$, $p < 0,01$, e cognitivo, $r(126) = 0,20$, $p < 0,05$. De modo semelhante, a religiosidade ortodoxa também se mostra associada positivamente ao altruísmo no geral, embora a relação apenas seja estatisticamente

significativa com o altruísmo afetivo. Por fim, verificou-se uma relação significativa, embora muito baixa, entre a procura de significado e o altruísmo comportamental.

Atendendo à elevada associação positiva entre as orientações intrínseca e ortodoxa, e face à relação que estes dois tipos de orientação apresentam com o altruísmo afetivo e o perdão, foram efetuadas análises de regressão múltipla com o intuito de identificar o efeito preditivo destas variáveis nas variáveis critério.

Quadro 14 - Preditores do Altruísmo afetivo e do Perdão

Variável Preditora	Variável critério	β	t	P	R^2 Ajustado	Colinearidade	
						Tolerância	VIF
Orientação intrínseca	Altruísmo afetivo	0,07	0,53	0,60	0,11	0,42	2,36
Orientação Ortodoxa		0,30	2,34	0,02	0,11	0,42	2,36
Orientação intrínseca	Perdão	0,10	11,24	0,05	0,08	0,42	2,41
Orientação extrínseca		-0,08	-1,61	0,11	0,08	0,89	1,13
Orientação ortodoxa		-0,10	-0,25	0,80	0,08	0,42	2,39

Nestas análises apenas entraram nos modelos, as variáveis preditora e critério que mostram associações estatisticamente significativas. Foram ainda verificados os valores estatísticos de colinearidade (tolerância e valores dos fatores de inflação). Os resultados das análises de regressão e os valores de colinearidade são apresentados no Quadro 14. Os valores registados indicam a não existência de problemas de colinearidade entre as variáveis em estudo (Gaur, & Gaur, 2009). Verifica-se que apenas a orientação religiosa ortodoxa mostrou ser preditora do altruísmo afetivo, $\beta=0,30$, $p<0,05$; por contraste, apenas a orientação intrínseca se mostrou preditora do perdão, $\beta=0,10$, $p=0,05$.

7.6 - Análises de Mediação

O próximo passo do nosso trabalho pretendeu testar a possível mediação das emoções auto-conscientes na relação entre as variáveis predictoras (dimensão de orientação religiosa) e as variáveis critério (atitudes altruístas e perdão). Como apenas a culpa se mostrou associada a ambas as variáveis (preditora e critério), as nossas análises apenas analisam a culpa como possível mediadora.

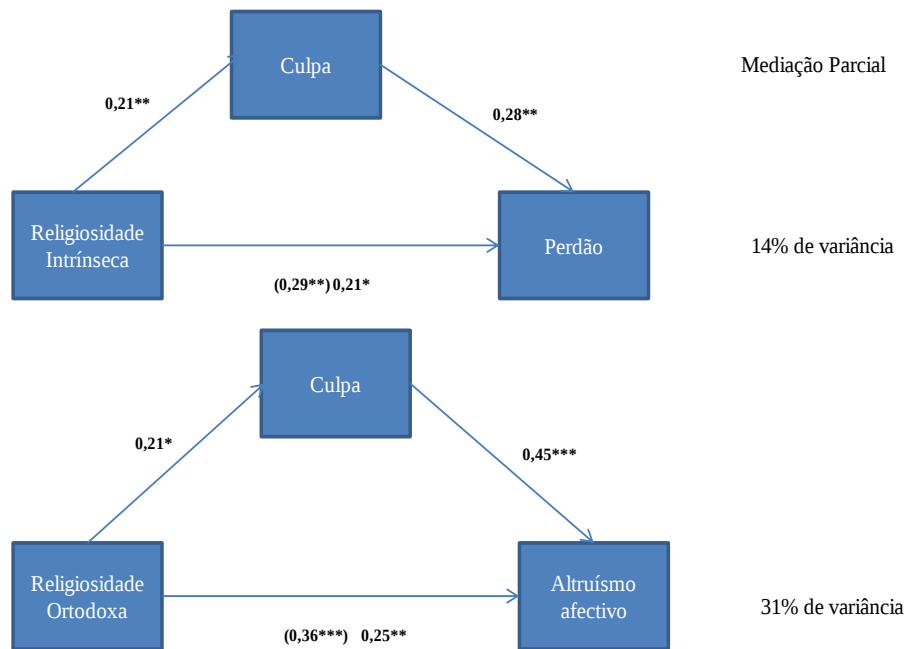
Para o efeito efetuámos quatro análises de mediação simples baseando-nos nos procedimentos recomendados por Baron e Kenny (1986). Entraram no modelo as variáveis que mostraram valor preditivo nas análises de regressão atrás efetuadas. Os autores consideram que um efeito de mediação ocorre se a variável preditora (orientação religiosa) se relacionar significativamente com as variáveis critério (atitudes altruístas e perdão) e com a variável mediadora (culpa) e, adicionalmente, se a variável mediadora se relacionar com as variáveis critérios, controlando a variável preditora. Para que exista mediação total, a relação entre a variável preditora e critério deverá deixar de ser estatisticamente significativa, quando é introduzida a mediadora na equação. Por outro lado, um efeito de mediação parcial existe se o efeito da preditora na variável critério é reduzido, quando se introduz a mediadora, mas mantém-se diferente de zero. O modelo desenvolvido por Sobel (1982, cit. por Hayes & Peacher, 2004) é também importante para determinar em que medida o efeito indireto da preditora na variável critério é significativo (Hayes & Peacher, 2004; Peacher, Rucker, & Hayes, 2007).

Os resultados das duas análises de mediação são ilustrados na Figura 2 e apresentam os valores beta estandardizados. No geral, verifica-se que a culpa exerce um efeito de mediação parcial nas relações entre a orientação religiosa intrínseca e o perdão. O teste de Sobel evidenciou efeitos indiretos significativos da culpa na relação entre a orientação intrínseca e a variável critério perdão, $Z = 2,27$, $p < 0,05$. Este modelo de mediação explica 14% da variância do perdão.

Relativamente à relação entre a orientação religiosa ortodoxa e o altruísmo afetivo, verifica-se que a culpa exerce um efeito de mediação parcial, $Z = 2,46$, $p < 0,05$, explicando 31% de variância dos resultados.

Podemos assim concluir que a culpa parece ser uma importante variável explicativa da relação entre estes dois tipos de orientação religiosa – intrínseca e ortodoxa – e o perdão e o altruísmo afetivo, respetivamente.

Figura 2 - Resultados das mediações simples



* $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$

8 - Discussão

Neste trabalho estudou-se a orientação religiosa e sua relação com as atitudes altruístas e a capacidade de perdoar e a importância das emoções auto-conscientes (culpa e vergonha) nesta relação.

Iniciámos as análises testando os resultados nas quatro dimensões de orientação religiosa em função da assiduidade (praticantes e não praticantes) e do sexo. Verificámos que a assiduidade produziu um efeito significativo em três das quatro dimensões de religiosidade. Assim, os indivíduos não praticantes, isto é, aqueles que vão à missa menos de uma vez por mês, apresentam valores mais elevados na religiosidade extrínseca, enquanto os indivíduos praticantes apresentam valores mais elevados na religiosidade intrínseca e ortodoxa. Estes resultados eram esperados e confirmam assim a nossa hipótese que previa que os religiosos praticantes relatariam mais orientação intrínseca e ortodoxa que os não praticantes (H1). É um resultado que também reflete a própria conceitualização destas dimensões de religiosidade. Verifica-se assim que os não praticantes têm uma orientação mais extrínseca, usando a igreja principalmente em eventos especiais (e.g., casamentos, batizados), de modo que, a religião parece exercer uma função instrumental nas suas vidas. Pelo contrário, os indivíduos praticantes parecem viver a sua religião de modo intrínseco, i.e., com extensão a várias áreas da vida, sendo a orientação também mais ortodoxa na medida em que está relacionada com fortes crenças e dogmas na religião em si mesma. Estes resultados são consistentes com o estudo clássico de Allport e Ross (1967), ao terem verificado que os indivíduos que reportam maior orientação intrínseca também tendem a ser mais ortodoxos e a atribuir maior importância à religião, sendo esta parte integrante das suas vidas diárias. A ida à missa, por exemplo, parece constituir um elemento relevante para a vivência da religião nestes dois tipos de orientação religiosa.

É importante salientar as elevadas médias de religiosidade ortodoxa ($M=7,27$, numa escala de 1 a 9) e de religiosidade intrínseca ($M=6,69$) nos indivíduos praticantes. Estes valores sugerem que o conservadorismo está enraizado na sociedade contemporânea portuguesa, tal como evidencia o estudo de religião em Portugal conduzido por Menéndez em 2007.

Por outro lado, o sexo dos inquiridos não afetou os resultados da religiosidade. A literatura em psicologia da religião sugere a existência de diferenças entre homens e mulheres na religiosidade, nomeadamente de que as mulheres tendem a ser mais ortodoxas,

conservando as suas crenças em Deus, Jesus, e no pós-vida, num rácio 1,50 superior aos homens (Beit-Hallahmi & Argyle, 1997). Porém, os nossos resultados não suportam estas conclusões.

No que diz respeito às emoções, às atitudes altruístas e ao perdão, analisámos os resultados em função do posicionamento religioso e do sexo. Seria de esperar que os religiosos e nomeadamente os religiosos praticantes, pela sua maior religiosidade intrínseca (Watson, 1987), reportassem mais culpa e vergonha (H2 e H3). Porém, não se registaram diferenças estatisticamente significativas, não se confirmando assim estas nossas hipóteses. Houve, no entanto, diferenças significativas entre sexos nas emoções. Como era esperado, as mulheres relatam maior culpa e vergonha do que os homens. Resultados estes consistentes em parte com os estudos de Wright (1971) e Miller (1986).

Em relação às atitudes altruístas, verificou-se que há diferenças no posicionamento religioso no relato de altruísmo afetivo e cognitivo. Os indivíduos religiosos praticantes são os que relatam ser mais altruístas em ambas as dimensões. A dimensão cognitiva refere-se às crenças e perceções do indivíduo sobre o objeto da atitude, enquanto a dimensão afetiva avalia as respostas emocionais do indivíduo, i.e., o modo como o indivíduo se sente na realização das suas ações. Verificámos ainda que a religiosidade intrínseca se mostrou associada positivamente ao altruísmo afetivo e cognitivo, confirmando, assim, as nossas hipóteses que previam que os religiosos reportariam maiores atitudes altruístas que os não religiosos e de que no grupo dos religiosos (H4 e H7). Embora a literatura consultada sobre a relação entre religião e altruísmo não diferencie as dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais, os resultados vão ao encontro dos estudos que mostraram a associação da culpa com a reparação e comportamentos prosociais, incluindo o altruísmo (Tangney & Dearing, 2002).

Em relação ao perdão, verificou-se que existem diferenças no relato de perdão em função do posicionamento religioso. O relato da disposição para perdoar foi superior nos religiosos praticantes relativamente aos religiosos não praticantes e aos não religiosos. Por outro lado, verificou-se uma associação positiva entre a religiosidade intrínseca e ortodoxa com o perdão, e associação negativa com a religiosidade extrínseca. Na análise das quatro dimensões de religiosidade em função da assiduidade, verificámos que a religiosidade intrínseca e ortodoxa são predominantes no grupo dos religiosos praticantes. Existe uma concordância entre os resultados agora apresentados e os recolhidos em estudos anteriores (McCulloch & Worthington, 1999), em ambos o perdão aparece positivamente correlacionado

com a religiosidade – podendo-se depreender que os indivíduos que se consideram mais religiosos apresentam maiores comportamentos de perdão.

No estudo clássico de Bergin, Masters e Richards (1987) um resultado semelhante também foi encontrado, designadamente de que a religiosidade intrínseca se mostrou positivamente associada a índices de bem-estar e comportamentos prosociais como o perdão.

No presente trabalho, são assim confirmadas as hipóteses que previam que os religiosos reportariam maior capacidade de perdão que os não religiosos e de que no grupo dos religiosos, a orientação intrínseca apresentaria uma associação positiva com o relato de perdão (H5 e H8).

De acordo com Watson (1987), a religiosidade intrínseca está associada a maiores relatos de sentimento de culpa. De acordo com Batson (1976) e King e Hunt (1972) os que pontuam alto na escala intrínseca têm sido considerados mais ortodoxos. A forte correlação entre a religiosidade intrínseca e ortodoxa também permite entender o resultado da relação entre a religiosidade ortodoxa e a culpa. Confirma-se assim a nossa hipótese que previa que um maior relato de religiosidade intrínseca estaria associado a maior relato de culpa (H6).

O fato de termos encontrado associações significativas entre as orientações religiosas, os comportamentos pró-sociais de altruísmo e perdão e a culpa, levou-nos a análises posteriores em que testámos a possível mediação da culpa entre a orientação religiosa e o altruísmo e perdão. Os resultados das mediações mostraram que a culpa exercia um efeito de mediação parcial na relação entre a orientação religiosa intrínseca e o perdão; e na relação entre a orientação religiosa ortodoxa e o altruísmo afetivo. Estes resultados sugerem que a relação entre a orientação religiosa e o altruísmo afetivo e cognitivo e com a capacidade de perdão podem manifestar-se de modo direto, mas também indiretamente através da culpa.

Este trabalho de investigação não é isento de limitações. Uma importante limitação está relacionada com o fato de os resultados obtidos não poderem ser generalizados à população portuguesa devido a não ser aleatória, mas sim de conveniência, recolhida por meio de bola de neve e através da internet. A maioria dos participantes também apresenta uma elevada escolaridade sendo a média de idade dos participantes de 43 anos. É possível que os resultados sejam distintos se forem considerados outros extratos sociais da população portuguesa (idosos, carenciados). De salientar também o reduzido número de participantes ateus ou agnósticos.

Outras limitações prendem-se com o longo tempo dispendido no inquérito (cerca de 20 minutos). Verificámos que do total de participantes houve a necessidade de eliminar 29% de respostas devido a “Dropouts” e/ou incongruências nas respostas, pelo que, a amostra final

ficou mais reduzida, embora o total de 162 participantes seja um número suficiente para os testes de hipóteses que realizámos neste trabalho de investigação.

Sugerimos em investigações futuras o aumento considerável da amostra e a seleção de uma amostra aleatória com o objetivo de a tornar representativa da população portuguesa.

Outra limitação prende-se com a metodologia correlacional utilizada (em vez de experimental), por não permitir estabelecer relações da casualidade entre os diferentes tipos de orientação religiosa, as emoções e as atitudes. Os resultados mostram que as orientações religiosas (intrínseca e ortodoxa) se mostram associadas respetivamente ao perdão e ao altruísmo afetivo, e sendo mediadas parcialmente pela culpa, não nos permitem afirmar que há uma relação causal entre estas variáveis. Sugere-se em trabalhos futuros, o contributo de metodologias experimentais para obviar as limitações acima descritas.

Em relação às escalas utilizadas, é importante destacar que, com exceção da escala de atitudes altruístas, não encontramos em Portugal estudos que referenciem as qualidades psicométricas das restantes escalas – orientação religiosa, TOSCA e perdão. Por essa razão, reportámos no presente trabalho a consistência interna das várias dimensões das variáveis em estudo, e embora a maioria das dimensões apresentasse consistências adequadas, foi exceção o altruísmo cognitivo, que no presente estudo apresentou um valor alfa de Cronbach reduzido (0,57). Seria importante a realização de análises confirmatórias das estruturas fatoriais dos instrumentos utilizados. Evidenciamos ainda a elevada correlação positiva entre as escalas de orientação intrínseca e ortodoxa que tornam difícil a sua dissociação conceptual. Por fim, é importante destacar que a TOSCA se baseia em cenários hipotéticos, que procuram medir essencialmente tendências emocionais de culpa e vergonha, e não a frequência com que os participantes sentem essas emoções. Pensamos que poderia ser interessante em trabalhos futuros usar escalas que avaliem a frequência destas emoções na vida real em vez de tendências perante cenários com os quais os participantes poderão não se identificar.

Todos os instrumentos usados são de auto relato, pelo que poderá ter ocorrido a tendência para os participantes quererem dar imagem favorável de si próprios, em virtude das suas crenças religiosas. Neste sentido, seria importante em trabalhos futuros, que as atitudes fossem avaliadas através de medidas mais objetivas de comportamento. Sugere-se, assim, o uso futuro de medidas objetivas de comportamento ao invés de medidas subjetivas.

Apesar destas limitações, é possível refletir sobre os resultados obtidos e suas implicações. Destacamos fundamentalmente o papel da emoção auto-consciente culpa enquanto mediadora da relação entre as orientações religiosas e as atitudes altruístas e o

perdão. A literatura tem evidenciado o papel adaptativo mas também desadaptativo desta emoção (Tangney & Dearing, 2002).

Enquanto que na culpa adaptativa os sentimentos negativos em relação aos comportamentos e/ou ações específicas tomadas pelo “self” estão associados a comportamentos reparadores e prosociais, na culpa desadaptativa caracterizada por uma auto-culpa crónica, ruminação obsessiva e comportamento auto censurável, não há reparação porque a resolução do problema, no self do indivíduo, está bloqueado. Pessoas com rígidas e inflexíveis noções do que consistem adequadas “expiações” são parcialmente vulneráveis à ruminação e a improdutivas reações de culpa. Também indivíduos com poucas habilidades e visão para a orientação de soluções futuras tendem a reagir à culpa de modo desadaptativo. Tangney & Dearing (2002) distinguem, baseado no acima descrito, a boa e a má culpa.

É possível que, intensidade da culpa, isto é, a excessiva tendência para a culpa nos religiosos se possa tornar desadaptativa.

A vergonha, no presente trabalho, não se mostrou associada a nenhum tipo de orientação religiosa. Diferentemente da culpa que se tinha mostrado associada à religiosidade intrínseca, ortodoxa e procura de significado.

Gostaríamos de concluir destacando ainda os elevados valores do ortodoxismo religioso na amostra portuguesa em estudo, que poderão contribuir para reflexões futuras sobre o conservadorismo, a liberdade individual e o desenvolvimento pessoal da população portuguesa. Por outro lado, a elevada religiosidade ortodoxa baseada em crenças nas doutrinas tradicionais judaico-cristãs mostrou-se bastante associada à culpa, o que deverá merecer uma maior reflexão e investigação futura.

Ao longo deste trabalho constatámos a reduzida contribuição científica em Portugal para o estudo da religião, as atitudes altruístas e a disposição para perdoar. Também não encontramos na literatura investigação que analisasse o papel mediador das emoções auto-conscientes (culpa e vergonha) na relação entre a orientação religiosa e as atitudes altruístas e o perdão. Consideramos, por isso, que o presente trabalho é um contributo relevante nesta área, ao evidenciar a culpa como uma importante variável explicativa da relação entre religiosidade, altruísmo e a capacidade de perdoar.

O presente trabalho incidiu na religião católica, mas seria importante em trabalhos futuros, analisar em que medida os resultados aqui apresentados se generalizam a outras religiões.

Terminamos com um texto que reflete sobre a possível relação entre religião e liberdade individual:

"O ateu frequentemente obrigou o crente a refletir sobre o essencial da religião e impediu-o de cair na superstição e desumanidade. A religião pode ser o espaço da maior grandeza, mas também das piores indignidades. Antes da fé em Deus, o que nos une a todos é a humanidade." (Autor - Borges, Anselmo; Fonte: Diário de Notícias / 2006/01/22).

9 - Referências

- Albertsen, E.J., O'Connor, L.E., & Berry, J.W. (2006). Religion and Interpersonal Guilt. *Mental Health, Religion & Culture*, 9(1), 67-84.
- Allen, R.O. & Spilka, B. (1967). Committed and consensual Religion: a specification of religion-prejudice relationships. *Journal for the Scientific Study of Religion* 6, 191-206.
- Allport, G.W. (1950). *The individual and his religion*. New York: Mac Millan.
- Allport, G.W. & Ross, J.M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of personality and social psychology* 5, 432-443.
- Baron, R.M. and Kenny, D.A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychology research: Conceptual, Strategic, Statistical Considerations. *Journal of Personality and Social psychology*, 51 (6), 1173-1182.
- Batson C. D. & Gray R. A. (1981). Religious orientation and helping behavior: responding to one's own or to the victim's needs? *Journal of Personality and Social Psychology*, 40(3), 511-520.
- Batson, C.D., & Ventis, W.L. (1982). *The Religious Experience*. New York: Oxford University Press.
- Baumeister, R.F., Exline, J.J., & Sommer, K.L. (1998). The victim role, grudge theory, and two dimensions of forgiveness. In E.L. Worthington, Jr. (Ed.), *Dimensions of forgiveness: Psychological research and theological principles* (pp. 79-106). Philadelphia: Templeton Foundation Press.
- Beit-Hallahmi, B., & Argyle, M. (1997). *The psychology of religious behaviour, belief and experience*. London: Routledge.
- Bergin, A.E., Masters, K.S., & Richards, P.S. (1987). Religiousness and mental health reconsidered: A study of an intrinsically religious sample. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 197-204.
- Bergin, A.E. (1991). Values and religious issues in psychotherapy and mental health. *American Psychologist*, 46, 394-403.
- Berry, J.W., & Worthington, E.L., Jr. (2001). Forgiveness, relationship quality, stress while imagining relationship events, and physical and mental health. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 447-455.
- Boyer, P. (1994a). *The naturalness of religious ideas*. Berkeley: University of California Press.
- Boyer, P. (1994b). Cognitive constraints on cultural representations: Natural ontologies and religious ideas. In L.A. Hirschfeld & S.A. Gelman (Eds.), *Mapping the Mind: Domain specificity in cognition and culture* (pp. 391-411). New York: Cambridge University Press.
- Boyer, P., & Ramble, C. (2000). Cognitive templates for religious concepts: *Cross-cultural evidence for recall of counter-intuitive representations*. Unpublished manuscript.
- Buss, A.H. (2001). *Psychological dimensions of the self*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Corrigan, J. (2004) (ed.). *Religion and Emotion*. Oxford: Oxford University Press.

- Donahue, M.J. (1985a). Intrinsic and Extrinsic Religiousness: The empirical research. *Journal for the Scientific Study of Religion* 24(4), 418-423,
- Donahue, M.J. (1985b). Intrinsic and extrinsic religiousness: review and meta-analysis. *Journal of personality and social psychology* 48, 400-419.
- Ellison, C.G. (1994). Religion, the life stress paradigm, and the study of depression. Em J.S. Levin (Org.), *Religion in aging and health* (pp. 78-121). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Emmons, R. A. & Paloutzian, R. F. (2003). The psychology of religion. *Annual Reviews Psychology*, 54, 377-402.
- Enright, R.D., Freedman, S., & Rique, J. (1998). The psychology of interpersonal forgiveness. In R.D. Enright & J. North (Eds.), *Exploring forgiveness*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.
- Exline, J.J., Worthington, E.L., Jr., Hill, P., & McCullough, M.E. (2003). Forgiveness and justice: A research agenda for social and personality psychology. *Personality and Social Psychology Review*, 7, 337-348.
- Faiver, C.M., O'Brien, E., & Ingersoll, R.E. (2000). Religion, guilt and mental health. *Journal of Counseling & Development*, 78, 155-161.
- Goldstein, L.L. & Neri, A.L. (1993). Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In A. L. Neri (Org.) *Qualidade de vida e idade madura* (pp. 109-136). Campinas: Papirus.
- Hanson, R.K., & Tangney, J.P. (1995). The Test of Self-Conscious Affect - Socially Deviant Populations (TOSCA-SD). Corrections Research, Department of the Solicitor General of Canada, Ottawa.
- Hoffman, M.L. (1981). The development of empathy. In J.P. Rushton & R. M. Sorrentino (Eds.), *Altruism and helping behavior: Social, personality, and developmental perspectives* (pp. 41-63). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Hoge, D.R., & Carroll, J.W. (1978). Determinants of Commitment and Participation in Suburban Protestant Churches. *Journal for the Scientific Study of Religion* 17, 107-127.
- Hui, E.K.P., Watkins, D., Wong, T.N.Y., & Sun, R.C.F. (2006). Religion and forgiveness from a Hong Kong Chinese Perspective. *Pastoral Psychology*, 55, 183-195.
- Jung, C.G. (1940). *Psychology and Religion*. New Haven: Yale University Press.
- Kahoe, R.D. (1974). Personality and achievement correlates of intrinsic and extrinsic religious orientations. *Journal of Personality And Social Psychology* 29, 812-818.
- Kahoe, R.D. (1977). Intrinsic religion and authoritarianism: A differentiated relationship. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 16, 179-182.
- Kahoe, R.D., & Meadow, M. J. (1981). A developmental perspective on religious orientation dimensions. *Journal of Religion and Health*, 20, 8-17.
- Kahoe, R.D. (1985). The Development of Intrinsic and Extrinsic Religious Orientations. *Journal for the Scientific Study of Religion* 24(4), 408-412.
- King, M.B. & Hunt, R.A. (1975). Measuring the religious variable: A national replication. *Journal for the Scientific Study of religion* 14, 13-22.

- Kirkpatrick, L.A. & Hood, R.W. Jr. (1990). Intrinsic-extrinsic religious orientation: The boon or bane of contemporary psychology of religion? *Journal for the scientific study of religion* 29 442-462.
- Kirkpatrick, L.A. Attachment, Evolution, and the Psychology of Religion, 11, (pp. 269-299).
- Konings, J. M. H. & Zilles. U. (1997). *Religião e cristianismo*. 7. ed. Porto Alegre: Edipucrs.
- Krebs, D., & Miller, D. T. (1985). Altruism and aggression. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *The handbook of social psychology* (3rd Ed., Vol. 2, pp. 1-71). New York: Random House.
- La Taille, Y. (2010). O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, n.1, p. 13-25. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" de Marília.
- Leuba, J.H., Mac Millan, 1912. *A psychological study of religion*. New York.
- Lewis, I.M. (1971). *Ecstatic Religion: An Anthropological Study of Spirit Possession and Shamanism*. London: Penguin Books Ltd.
- Lewis, M., Alessandri, S. M., & Sullivan, M. W. (1992). Differences in shame and pride as a function of children's gender and task difficulty. *Child Development*, 63, 630-638.
- Lewis, M. (1995). Embarrassment: The emotion of self-exposure and evaluation. In J. P. Tangney & K. W. Fischer (Eds.), *Self-conscious emotions: The psychology of shame, guilt, embarrassment, and pride* (pp. 198-218). New York: Guilford.
- Loureiro, A., & Lima, M.L. (2009) - Escala de atitudes: *Laboratório de Psicologia*, 7(1): 73-83.
- Luyten, P., Corveleyn, J., & Fontaine, J.R. (1998). The relationship between religiosity and mental health: *Distinguishing between shame and guilt* (vol 1, nº 2).
- Marques, L.F. (2010). O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. *Psicodebate (Buenos Aires)*, v. 10, p. 135-151.
- Martin, Y., Gilbert, P., McEwan, K., & Irons, C. (2006). The relationship of entrapment, shame and guilt to depression, in carers of people with dementia. *Aging and Mental Health*, 10, 101-106.
- McAndrew, F.T. (2000, January). Social and Psychological Factors to Consider in the Construction of Carrying Capacity Models. Workshop presentation at the *Florida Keys Carrying Capacity Study Scenario Workshop*, Marathon, Florida.
- McCullough, M.E. & Worthington, E.L.Jr. (1994). Models of interpersonal forgiveness and their applications to counseling: Review and Critique. *Counseling and Values* (39), 2-14.
- McCullough, M.E., & Worthington, E.L., Jr. (1999). Religion and the forgiving personality. *Journal of Personality*, 67, 1141-1164.
- McCullough, M.E., Pargament, K.I., & Thoresen, C.E. (2001). Forgiveness: *Theory, research, and Practice*. (pp. 41-64). New York: Guilford Press.
- McCullough, M.E. (2009). Beyond revenge: *The evolution of the forgiveness instinct*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Millan Arroyo Menéndez (2007). Religiosidade e valores em Portugal: comparação com Espanha e a Europa católica. *Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 757-787.

- Paiva, G.J. de (1994). Religious itineraries of academics: A psychological discussion. Em J. Corveleyn & D. Hutsebaut (Orgs.), *Belief and unbelief: psychological perspectives* (pp. 137-154). Amsterdam/Atlanta: Rodopi.
- Paiva, G.J. (1998). Estudos Psicológicos da Experiência Religiosa. ANDEPP. *GT Psicologia & Religião* 6, Nº 2, pp.153-160.
- Pargament & Carl E. Thoresen (2001). *Forgiveness: Theory, research, and Practice*, pp. 91-110. New York: Guilford Press.
- Pargament, K.I., McCullough, M. E, & Thoresen, C.E. (2001). The Frontier of Forgiveness: *seven directions for psychological study and practice*. In M.E. McCullough, K. I. Pargament, & C.E. Thoresen (eds.), *Forgiveness: Theory, research, and Practice* (pp. 1-14). New York: Guilford Press.
- Pargament, & C.E. Thoresen (eds.), *Forgiveness: Theory, research, and Practice* (pp. 299-319). New York: Guilford Press.
- Peterson & Seligman's (2004). *Character Strengths and Virtues*, 19, (pp. 445-459). Oxford: Oxford University Press.
- Peterson & Seligman's (2004). *Character Strengths and Virtues*, 27, (pp. 599-622). Oxford: Oxford University Press.
- Preacher, K.J., & Hayes, A.F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, and Computers*, 36, 717-731.
- Preacher, K.J., Rucker, D.D., & Hayes, A. F. (2007). Addressing moderated mediation hypotheses: Theory, methods, and prescriptions. *Multivariate Behavioral Research*, 42, 185-227.
- Rancour-Laferrriere, D., (2003), The Moral Masochism at the Heart of Christianity: Evidence from Russian Orthodox Iconography and Icon Veneration. *Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society*, 8, (pp. 12-23).
- Randolph-Seng, B., & Nielsen, M.E. (2007) - Honesty: One Effect of Primed Religious Representations. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 17 (4), 303-315.
- Ratzinger, Joseph (2005). *Introdução ao Cristianismo*. Lisboa: Principia.
- Robins, R.W., Nofle, E.E., & Tracy, J.L. (2007). *Assessing Self-Conscious Emotions: A Review of Self-Report and Nonverbal Measures*. New York: The Guilford Press.
- Rushton, J.P., Chrisjohn R. D., & Fekken G.C. (1981). The Altruistic Personality and the Self-Report Altruism Scale. *Personality and Individual Differences*, 2, 293-302.
- Ryan, R.M., Rigby, S., & King, K. (1993). Two Types of Religious Internalization and Their Relations to Religious. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, nº 3, pp. 586-596.
- Sandage, S.J., Hill, P. C, & Vang, H. C. (2003). Toward a multicultural positive psychology: Indigenous forgiveness and Hmong culture. *Counseling Psychologist*, 31, 564-592.
- Sobel, M. E. (1982). Asymptotic intervals for indirect effects in structural equations models. In S. Leinhardt (Ed.), *Sociological methodology* (pp. 290-312). San Francisco: Jossey-Bass.
- Spanos N.P. and Hewitt E.C. (1980). The hidden observer in hypnotic analgesia: discovery or

- experimental creation? *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 1201-14.
- Spilka, B., Hood, R.W., Jr., & Gorsuch, R.L. (1985). *The psychology of religion: An empirical approach*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Spilka, B., Kojetin, B., & McIntosh, D. (1985). Forms and measures of personal faith: Questions, correlates, and distinctions. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 24, 437-442.
- Tangney, J.P., Wagner, P., & Gramzow, R. (1989). *The test of self-conscious affect*. Fairfax, VA: George Mason University.
- Tangney, J.P. (1990). Assessing individual differences in proneness to shame and guilt: Development of the self-conscious affect and attribution inventory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 102-111.
- Tangney, J.P. (1991). Moral affect: The good, the bad, and the ugly. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 598-607.
- Tangney, J.P., Burgrgraf, S.A., & Wagner, P.E. (1995). Shame-proneness, guilt-proneness, and psychological symptoms. In J.P. Tangney & K. W. Fischer (Eds.), *Self-conscious emotions: The psychology of shame, guilt, embarrassment, and pride* (pp. 343–367). New York: Guilford.
- Tangney, J.P. (1996). Conceptual and Methodological issues in the Assessment of Shame and Guilt. *Behaviour Research and Therapy*, 34, nº 9, pp. 741-754.
- Tangney, J.P., & Niedenthal, P.M. (1998). Are shame and guilt related to distinct selfdiscrepancies? a test of higgins's (1987) hypotheses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 256-268.
- Tangney, J.P., & Dearing, R.L. (2002). *Shame and Guilt*. New York: The Guilford Press.
- Temoshok, L. R., & Chandra, P. S. (2000). The meaning of forgiveness in a specific situational and cultural context: Persons living with HIV/AIDS in India. In M.E.
- Tix, A.P., & Frazier, P. A. (1998). The use of religious coping during stressful life events: Main effects, moderation, and mediation. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*, 66, 411-422.
- Tracy, J.L., & Robins, R.W. (2004). Putting the Self Into Self-Conscious Emotions: A Theoretical Model. *Psychological Inquiry*, 15, pp. 103-125.
- Trigg, Roger (1998). *Racionalidade e Religião*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trivers, R.L. (1971). The evolution of reciprocal altruism. *The Quarterly Review of Biology*, 46(1), p. 35-57.
- Vergote, A. (1986). Two opposed viewpoints concerning the object of the psychology of religion. Introduction. Em J.A. van Belzen & J.M. van der Lans (Orgs.), *Current issues in the psychology of religion* (pp. 67-75). Amsterdam: Rodopi.
- Vergote, A. (1988). *Guilt & Desire. Religious attitudes ant their pathological derivatives* (M. H.Wood, Trad.). New Haven/London: Yale University Press.
- Watson, P.J. ; Hood, R.W. & Morris, R.J. (1984). Religious orientation, humanistic values and narcissism. *Review of Religious Research* 25, 257-264.
- Wenegrat, B. (1990). *Sociobiological psychiatry: Normal Behavior and Psychopathology*. Lexington Massachusetts: Lexington Books.

- Wolf, S.T., Cohen, T.R., & Insko, C.A. (2010). Shame Proneness and Guilt Proneness. *Self and Identity*, 9, 337-362: Psychology Press.
- Worthington, E.L. Jr. (Ed.). (1998). Dimensions of Forgiveness: *psychological research and theological perspectives*. Radnor, PA: Templeton Foundation Press.
- Worthington, E.L. Jr., O'Connor, L.E., Parrott, L., & Wade, N.G. (2005). Forgiveness, Vengeful Rumination and Affective Traits. *Journal of Personality* 73:1.

ANEXO A

Consentimento**Consentimento Informado**

Estamos a solicitar a sua participação num estudo sobre "Religiosidade em Portugal" em que pretendemos analisar a sua relação com emoções e comportamentos.

O estudo envolve o preenchimento anónimo de vários questionários acerca desta temática, o que deve demorar sensivelmente 20 minutos. A presente investigação será efectuada através de inquérito online.

Os dados recolhidos garantem o anonimato e preservam a confidencialidade dos dados individuais. Ao concluir o estudo, as suas respostas serão tratadas em grupo e só serão publicados os resultados globais (nunca os individuais).

A participação é voluntária. Pode desistir a qualquer momento.

A sua participação é muito importante na medida em que irá contribuir para um maior aprofundamento sobre a religiosidade.

Se tiver dúvidas ou desejar fazer algum comentário acerca deste estudo, pode contactar os investigadores - Fernando Montellano (fernando@montellano.pt) ou Patrícia Arriaga (patricia.arriaga@iscte.pt)

Agradecemos, desde já, a sua participação.

Informo que li e compreendi o consentimento informado e que pretendo participar neste inquérito.

☐ SIM

DEMOGRAFICOS**PARTE I**

Por favor, preencha a seguinte informação sociodemográfica:

1. IDADE

anos

2. SEXO (assinale a resposta correcta):

- ☐ Feminino
☐ Masculino

3. Estado Civil (assinale a resposta correcta):

- ☐ Solteiro (a) ☐ Separado (a) / Divorciado (a) ☐ União de facto
☐ Casado (a) ☐ Viúvo (a)

4. Filhos:

 filho(s)

5. Habilitações Literárias (assinale a resposta correcta):

- ☐ Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

6. Profissão

RELIGIOSIDADE1**PARTE II**

Nesta secção, responda por favor, a questões sobre a religiosidade.

1. Qual a sua religião? (Selecione uma opção)

- | | | |
|--|-----------------------------------|---|
| ☐ Ateu / Agnóstico | ☐ Ortodoxa | ☐ Testemunha de Jeová |
| ☐ Católica | ☐ Protestante | ☐ Budista |
| ☐ Evangélica | ☐ Muçulmana | ☐ Outra: <input type="text"/> |

2. Na sua religião, considera-se uma pessoa praticante? (Selecione uma opção)

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

3. Com que frequência vai à Igreja ou a outro local de culto religioso? (Selecione uma opção)

- | | | | |
|--|---|---|---|
| ☐ Mais de uma vez por semana | ☐ Mais de uma vez por mês | ☐ Mais de uma vez por ano | ☐ Só em ocasiões especiais (ex. casamentos, baptizados) |
| ☐ Uma vez por semana | ☐ Uma vez por mês | ☐ Uma vez por ano | ☐ Não frequento |

4. Para cada alínea, indique o número correspondente ao seu nível de concordância ou desacordo com cada afirmação.

	Discordo Fortemente 1	2	3	4	5	6	7	8	Concordo Fortemente 9
4.34. Acredito que Deus criou o Universo.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.28. Foi levado a fazer perguntas religiosas a partir da minha crescente consciencialização das tensões no mundo e da minha relação com o mundo;	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.32. As perguntas são muito mais centrais na minha experiência religiosa que as respostas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.40. Acredito na "segunda-vinda" (que Jesus Cristo voltará um dia para julgar e governar no mundo).	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.19. As minhas crenças religiosas são o que realmente estão por detrás da minha forma como concebo a vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.11. O objectivo da oração é para garantir uma vida feliz e pacífica.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.22. Estou constantemente a interrogar as minhas crenças religiosas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.35. Acredito que Deus tem um plano para o Universo.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.33. Acredito na existência de um Deus justo e misericordioso.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.18. Se eu estivesse para ingressar num grupo de Igreja, preferia aderir a um grupo de estudo bíblico, em vez de um grupo de convívio social.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.7 Embora seja uma pessoa religiosa, recuso-me a deixar que os assuntos religiosos influenciem os meus afazeres diários.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.25. Para mim, duvidar é uma parte importante do que significa ser religioso.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.23. Pode dizer-se que valorizo as minhas dúvidas e incertezas religiosas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.29. A minha experiência de vida levou-me a repensar as minhas convicções religiosas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.27. Considero perturbador haver dúvidas religiosas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.41 Acredito no "pecado original".	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.13. Frequento a Igreja se não for impedido por circunstâncias inevitáveis.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.38. Acredito que Jesus	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Cristo é o Messias prometido no Antigo Testamento.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.37. Acredito que Jesus Cristo foi ressuscitado (ressuscitou dos mortos).	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.6 Rezo principalmente porque fui ensinado a rezar.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.31. Deus não era muito importante para mim até eu começar a questionar-me acerca do sentido da minha própria vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.30. Há muitos assuntos religiosos para os quais a minha perspectiva continua a mudar.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.43. Acredito que há um reino transcendente (um "outro" mundo, e não apenas este mundo em que vivemos).	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.17. Lido literatura acerca da minha fé (ou religião/Igreja).	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.14. Esforço-me para que a minha religião esteja associada a tudo o que faço na vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.5 O que a religião mais me oferece é conforto quando sucedem infortúnios e tristezas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.9. Tenho necessidade, ocasionalmente, de comprometer as minhas crenças religiosas, de modo a proteger o meu bem-estar social e económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.10. Uma razão para ser membro da Igreja é que tal adesão ajuda a pessoa a inserir-se na comunidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.21. Enquanto cresço e mudo, espero que a minha religião também cresça e mude.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.1 Apesar de ter fé na religião, sinto que há coisas mais importantes na minha vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.16. Tenho sentido, muitas vezes, a presença de Deus ou do Espírito Santo em profundidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.24 Eu não era muito interessado pela religião até começar a questionar-me acerca do sentido e propósito da vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.12. É importante para mim despendar tempo em pensamentos religiosos e/ou meditação	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4.26. Não espero que as minhas convicções	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

religiosas mudem nos próximos anos.

4.42. Acredito na vida depois da morte.

4.15. As orações que faço quando estou só têm tanto significado e emoção, como aquelas que faço na igreja.

4.20. A religião é especialmente importante para mim porque responde a muitas questões acerca do sentido da vida.

4.39. Acredito que devemos aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador para sermos salvos.

4.2 Não tem grande importância aquilo em que acredito, desde que eu leve uma vida de acordo com princípios morais.

4.8 A principal razão do meu interesse pela religião é o facto de a minha igreja promover uma actividade social agradável.

4.36. Acredito que Jesus Cristo é o Filho Divino de Deus.

4.3 O principal objectivo da oração é obter auxílio e protecção.

4.4 O mais importante na igreja é ser um local para desenvolver boas relações sociais.

4.44. Acredito que a Bíblia é a única autoridade para a vontade de Deus.

☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

EMOCOES

PARTE III

Apresentam-se em seguida algumas situações que as pessoas poderão encontrar no seu quotidiano, seguindo-se as reacções mais comuns a essas situações. Ao ler cada um dos cenários tente imaginar-se na referida situação.

Indique qual seria, para si, a probabilidade de cada uma das reacções.

Pedimos-lhe que responda a todas as reacções em cada cenário porque as pessoas podem sentir ou reagir de uma forma à mesma situação, ou reagir de diferentes maneiras em diferentes ocasiões.

Por favor não salte nenhuma pergunta.

1. Combinou encontrar-se com um amigo para almoçarem. Às 5 da tarde deu-se conta que deixou o seu amigo pendurado.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito provável 5
1.1. Pensaria: "Sou um/uma descuidado/a".					

1.2. Pensaria: "Bem o meu amigo irá compreender".	☐	☐	☐	☐	☐
1.3. Pensaria que deveria compensar o seu amigo o mais depressa possível.	☐	☐	☐	☐	☐
1.4. Pensava: "O meu chefe distraiu-me pouco antes da hora do almoço".	☐	☐	☐	☐	☐

2. Danificou um objecto no seu emprego e escondeu-o.

	Nada provável 1	2	3	4	Muito provável 5
2.1. Pensaria: "Isto põe-me nervoso/a. Preciso de concertá-lo ou arranjar forma de o substituir".	☐	☐	☐	☐	☐
2.2. Pensaria em despedir-se.	☐	☐	☐	☐	☐

3. Saiu à noite com os seus amigos, e sentiu-se que estava especialmente espirituoso/a e atraente. O/a melhor amigo/a do seu marido/esposa mostrou-se particularmente interessado/a na sua companhia.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
3.1 Pensaria: "Deveria estar mais atento/a aos sentimentos desse amigo/a.	☐	☐	☐	☐	☐
3.2 Sentir-se-ia feliz pela sua aparência e personalidade.	☐	☐	☐	☐	☐
3.3 Ficaria agradado/a por ter causado tão boa impressão.	☐	☐	☐	☐	☐
3.4 Pensaria que o seu/sua amigo/a deveria dar mais atenção à própria mulher/marido.	☐	☐	☐	☐	☐
3.5 Evitaria provavelmente olhar nos olhos o seu amigo/a durante bastante tempo.	☐	☐	☐	☐	☐

4 No seu emprego deixou para o último minuto a elaboração de um trabalho, e ele ficou mal feito.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
4.1 Sentir-se-ia: "Um/a incompetente".	☐	☐	☐	☐	☐
4.2 Pensaria: "Nunca há horas suficientes num dia."	☐	☐	☐	☐	☐
4.3 Sentiria: "Nunca há horas suficientes num dia".	☐	☐	☐	☐	☐
4.4 Pensaria: "O que está feito está feito".	☐	☐	☐	☐	☐

5 Cometeu um erro no local de trabalho e verificou que a falha foi atribuída a um colega seu.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito provável 5
5.1 Pensaria que a empresa não gostava do seu colega.	☐	☐	☐	☐	☐
5.2 Pensaria: "A vida não é justa".	☐	☐	☐	☐	☐
5.3 Ficaria calado/a e evitaria o seu colega.	☐	☐	☐	☐	☐
5.4 Sentir-se-ia mal e ansioso/a para corrigir a situação.	☐	☐	☐	☐	☐

6 Há vários dias que está a adiar um telefonema difícil. À última hora faz o telefonema e consegue manipular a conversa de modo a que tudo corresse bem.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
6.1 Pensaria: "Parece que sou mais persuasivo/a do que pensava".	☐	☐	☐	☐	☐
6.2 Lamentava ter adiado tanto tempo o telefonema.	☐	☐	☐	☐	☐
6.3 Sentir-se-ia um/a covarde.	☐	☐	☐	☐	☐
6.4 Pensaria: "Fiz um bom trabalho".	☐	☐	☐	☐	☐
6.5 Pensaria que não deveria ter de fazer telefonemas a que é pressionado.	☐	☐	☐	☐	☐

7 Enquanto jogava lançou uma bola que atingiu a cara do seu amigo.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
7.1 Sentir-se-ia tão inadequado/a sem ser capaz de atrair uma bola em condições.	☐	☐	☐	☐	☐
7.2 Pensaria que talvez o seu amigo necessitasse de ser mais hábil a jogar.	☐	☐	☐	☐	☐
7.3 Pensaria: "Foi apenas um acidente".	☐	☐	☐	☐	☐
7.4 Pediria desculpa ao seu amigo e assegurar-se-ia de que o seu amigo se sentia melhor.	☐	☐	☐	☐	☐

8 Recentemente teve de deixar a sua família para ir viver noutra lado onde todos foram muito generosos consigo. Teve de pedir dinheiro emprestado algumas vezes mas pagou-o logo que pôde.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
8.1 Sentir-se-ia uma pessoa imatura.	☐	☐	☐	☐	☐
8.2 Pensaria: "Passei por uma fase má na vida".	☐	☐	☐	☐	☐
8.3 Retribuiria o favor logo que pudesse.	☐	☐	☐	☐	☐
8.4 Pensaria: "Sou uma pessoa de confiança".	☐	☐	☐	☐	☐
8.5 Sentir-se-ia orgulhoso/a de ter pago as suas dívidas.	☐	☐	☐	☐	☐

9 Ia a conduzir o carro na estrada e atropelou um pequeno animal.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
9.1 Pensaria que o animal não devia ter estado na estrada.	☐	☐	☐	☐	☐
9.2 Pensava: "Sou péssimo".	☐	☐	☐	☐	☐
9.3 Sentiria: "Bem, isto foi apenas um acidente".	☐	☐	☐	☐	☐
9.4 Sentir-se-ia mal por não ter estado mais alerta enquanto conduzia".	☐	☐	☐	☐	☐

10 Saiu de um exame a pensar que lhe tinha corrido extremamente bem. Verificou depois que o resultado foi fraco.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
10.1 Pensaria: "Bem é apenas um teste".	☐	☐	☐	☐	☐
10.2 Pensaria: "O professor não gosta de mim".	☐	☐	☐	☐	☐
10.3 Pensaria: "Devia ter estudado mais".	☐	☐	☐	☐	☐
10.4 Sentir-se-ia estúpido.	☐	☐	☐	☐	☐

11 Você e um grupo de colegas trabalham com afinco num projecto. O avaliador decidiu distingui-lo a si com um bônus pelo facto de o projecto ter sido um sucesso.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
11.1 Sentiria que o avaliador tem "vistas curtas".	☐	☐	☐	☐	☐
11.2 Sentir-se-ia isolado/a e excluído/a dos seus colegas.	☐	☐	☐	☐	☐
11.3 Sentiria que o esforço que fizera estava a ser bem reconhecido.	☐	☐	☐	☐	☐
11.4 Sentir-se-ia competente e orgulhoso/a de si próprio/a.	☐	☐	☐	☐	☐
11.5 Sentiria que não devia aceitar.	☐	☐	☐	☐	☐

12, Enquanto saía com os seus amigos gozou sobre um amigo que não estava presente.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
12.1 Pensaria: "Foi só uma piada; é inofensiva".	☐	☐	☐	☐	☐
12.2 Sentir-se-ia "pequeno como um rato".	☐	☐	☐	☐	☐
12.3 Pensaria que o amigo deveria estar ali para se defender.	☐	☐	☐	☐	☐
12.4 Pediria desculpa e faria comentários positivos sobre esse amigo ausente.	☐	☐	☐	☐	☐

13. No seu trabalho cometeu um grande erro num importante projecto. As pessoas dependiam de si e o seu superior critica-o.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
13.1 Pensaria: "O meu superior devia ter sido mais claro em relação aquilo que era esperado de mim".	☐	☐	☐	☐	☐
13.2 Sentiria que queria desaparecer dali.	☐	☐	☐	☐	☐
13.3 Pensaria: "Devia ter reconhecido o problema e ter feito um melhor trabalho".	☐	☐	☐	☐	☐
13.4 Pensaria: "Bem, ninguém é perfeito".	☐	☐	☐	☐	☐

14. Voluntariou-se para ajudar crianças deficientes durante um evento. O trabalho revelou-se muito frustrante e

muito exigente. Pensou seriamente em desistir, mas depois observou que as crianças estavam felizes.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
14.1 Sentir-se-ia egoísta e basicamente um/a preguiçoso/a.	☐	☐	☐	☐	☐
14.2 Sentiria que fora pressionado/a para fazer algo que não desejava fazer.	☐	☐	☐	☐	☐
14.3 Pensaria: "Dei a preocupar-me mais com pessoas que são menos afortunados".	☐	☐	☐	☐	☐
14.4 Sentir-se-ia muito bem por ter ajudado outros.	☐	☐	☐	☐	☐
14.5 Sentir-se-ia muito satisfeito/a consigo próprio/a.	☐	☐	☐	☐	☐

15. Está a tomar conta do cão de um amigo enquanto este se encontra de férias, e o cão foge.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
15.1 Pensaria: "Sou Irresponsável e Incompetente"..	☐	☐	☐	☐	☐
15.2 Pensaria que o seu amigo não devia tomar bem conta do animal ou este não teria fugido.	☐	☐	☐	☐	☐
15.3 Prometeria a si próprio ser mais cuidadoso/a numa próxima vez.	☐	☐	☐	☐	☐
15.4 Pensaria que o seu amigo podia simplesmente arranjar outro cão.	☐	☐	☐	☐	☐

16. Participa numa festa de inauguração da casa de um colega de trabalho e derrama vinho tinto numa nova carpete bege, embora ache que ninguém repara.

	Nada Provável 1	2	3	4	Muito Provável 5
16.1 Pensa que o seu amigo deveria estar à espera de que sucedessem alguns incidentes numa festa tão grande.	☐	☐	☐	☐	☐
16.2 Ficaria até mais tarde para ajudar a limpar a mancha depois da festa.	☐	☐	☐	☐	☐
16.3 Desejaria estar noutro sítio e não ter ido à festa.	☐	☐	☐	☐	☐
16.4 Interrogar-se-ia acerca da razão que levaria o seu colega a servir vinho tendo uma carpete tão clara.	☐	☐	☐	☐	☐

PERDÃO

PARTE IV

1. As afirmações que se seguem descrevem o modo como geralmente lida com os outros.

Responda por favor às questões o mais honestamente possível, indicando o número correspondente ao seu nível de concordância ou desacordo com cada afirmação.

	Discordo Fortemente 1	Discordo Ligeiramente 2	Não Concordo Nem Discordo 3	Concordo Ligeiramente 4	Concordo Fortemente 5
1.2 Eu consigo perdoar um amigo por quase tudo.	☐	☐	☐	☐	☐

1.6 Sinto uma amargura em relação a muitos dos meus relacionamentos.	☐	☐	☐	☐	☐
1.4 Procuro perdoar os outros, mesmo quando eles não se sentem culpados pelo que me fizeram.	☐	☐	☐	☐	☐
1.9 Sempre perdoei aqueles que me perdoaram.	☐	☐	☐	☐	☐
1.3 Se alguém me faz mal eu trato-o (a) da mesma forma.	☐	☐	☐	☐	☐
1.7 Mesmo após ter perdoado alguém, lembro-me com frequência de coisas com as quais fiquei ressentido.	☐	☐	☐	☐	☐
1.10 Eu sou uma pessoa que perdoa.	☐	☐	☐	☐	☐
1.5 Eu consigo habitualmente, perdoar e esquecer um insulto.	☐	☐	☐	☐	☐
1.1 As pessoas que me são próximas pensam provavelmente que eu guardo ressentimentos demasiado tempo.	☐	☐	☐	☐	☐
1.8 Há certas coisas que não consigo perdoar, nem sequer aqueles que me são mais queridos.	☐	☐	☐	☐	☐

ALTRUISMO**PARTE V**

Este questionário tem um conjunto de afirmações acerca das suas atitudes e comportamentos com os outros.

Por favor indique até que ponto concorda com as seguintes afirmações:

	Discordo Totalmente 1	2	3	4	Concordo Totalmente 5
2. Acho que é importante respeitar os sentimentos dos outros.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Acho que quem é altruísta acaba por se arrepender.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Os benefícios do altruísmo não compensam os sacrifícios.	☐	☐	☐	☐	☐
1. Acho que, neste mundo, cada qual tem de tratar de si.	☐	☐	☐	☐	☐

Pense como se sentiria se realizasse as seguintes ações:

	Muito mal	Muito bem
--	-----------	-----------

	1	2	3	4	5
6. Prestar assistência à família e amigos, sem esperar algo em troca.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Ajudar uma instituição, mesmo sem esta o ter pedido.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Cuidar de alguém, sem estar à espera de recompensa.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Disponibilizar-se para fazer um sacrifício por alguém.	☐	☐	☐	☐	☐

Com que frequência realiza as seguintes acções:

	Nunca 1	2	3	4	Fiz Muitas Vezes 5
11. Ceder o meu lugar numa fila de espera a alguém que precise (supermercado, fotocopiadora, banco, etc.).	☐	☐	☐	☐	☐
12. Ajudar um colega que não se conhece muito bem num trabalho, quando o meu conhecimento é maior que o seu.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Indicar a direcção na rua a um(a) desconhecido(a).	☐	☐	☐	☐	☐
10. Atrasar o elevador mantendo a porta aberta para alguém entrar.	☐	☐	☐	☐	☐

AGRADECIMENTOS

Agradecemos mais uma vez a sua participação na presente investigação.

Muito Obrigado!



Europass Curriculum Vitae

Informação pessoal

Nome(s) próprio(s) / Apelido(s) **Fernando António Rocha Ortiz de Montellano**
 Morada(s) Av. Guerra Junqueiro, nº 22, 2º Dtº, 1000-167 Lisboa (Portugal)
 Telemóvel 966053247

Endereço(s) de correio electrónico fernando@montellano.pt

Nacionalidade Portuguesa

Data de nascimento 10/05/1959

Sexo Masculino

Experiência profissional

Datas	Desde 2006 até ao momento presente
Função ou cargo ocupado	Sócio Gerente
Nome e morada do empregador	Grupo Montellano Rua Conde Redondo, nº 13, 3º, 1150-101 Lisboa
Tipo de empresa ou sector	Medicina Dentária

Datas	Novembro 1993 até 1996
Função ou cargo ocupado	Administrador
Principais actividades e responsabilidades	Pelouro Financeiro
Nome e morada do empregador	Macrotur Lisboa
Tipo de empresa ou sector	Turismo

Datas	Junho 1985 a Setembro 1986
Função ou cargo ocupado	Assessor de Administração
Principais actividades e responsabilidades	Pelouro Financeiro
Nome e morada do empregador	CIVE _ Companhia Industrial Vidreira, SARL
Tipo de empresa ou sector	Indústria do Vidro

Datas	Janeiro 1984 a Maio 1985
Função ou cargo ocupado	Adjunto Director Financeiro
Nome e morada do empregador	General Eléctrica Portuguesa
Tipo de empresa ou sector	Actividade Comercial e Industrial

Datas	Setembro 1981 a Dezembro 1983
Função ou cargo ocupado	Auditor
Nome e morada do empregador	Arthur Andersen & Company

Tipo de empresa ou sector Auditoria e Consultoria

Educação e formação

Datas	Junho de 1981
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Organização e Gestão de Empresas
Principais disciplinas/competências profissionais	Área Vocacional - Gestão
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Universidade Católica Portuguesa (UCP)
Datas	Setembro de 2009 até ao momento
Designação da qualificação atribuída	Mestrado em Psicologia das Emoções
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-JUL)
Datas	2008
Designação da qualificação atribuída	Pós-Graduação - Os 3 Pilares de Sucesso Profissional e Pessoal
Principais disciplinas/competências profissionais	Comunicar, Persuadir e Negociar.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Universidade Católica Portuguesa (UCP)
Datas	2007
Designação da qualificação atribuída	Pós-Graduação - Gestão Estratégica e Criação de Valor
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Universidade Católica Portuguesa (UCP)
Datas	2003
Designação da qualificação atribuída	Pós-Graduação - Programa Avançado de Marketing para Executivos
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Universidade Católica Portuguesa (UCP)
Datas	1993
Designação da qualificação atribuída	Curso de Marketing Pessoal
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	
Datas	1992 a 1993
Designação da qualificação atribuída	Consultor do CIFAG - Lisboa
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	CIFAG
Datas	1987
Designação da qualificação atribuída	Curso "O Mercado de Capitais - Como Investir em Títulos" - Lisboa
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	
Datas	1985
Designação da qualificação atribuída	Curso "Gestão Fiscal da Empresa" - Lisboa

Nome e tipo da organização de ensino ou formação

Datas 1984
Designação da qualificação atribuída Estágio da GETSCO - General Electric Technical Services Company - Madrid
Nome e tipo da organização de ensino ou formação General Electric & Company

Datas 1984
Designação da qualificação atribuída Curso de "Financial Management Program" - Lisboa e Fairfield/E.U.A.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação General Electric & Company

Datas 1983
Designação da qualificação atribuída Curso de "Senior Development" - Brighton
Nome e tipo da organização de ensino ou formação Arthur Andersen & Company

Datas 1981
Designação da qualificação atribuída Curso de Auditoria - Madrid
Nome e tipo da organização de ensino ou formação Arthur Anderson & Company

Datas 1981
Designação da qualificação atribuída Curso de "Transaction Flow Auditing" - Lisboa
Nome e tipo da organização de ensino ou formação Arthur Andersen & Company

Datas 1981
Designação da qualificação atribuída Curso de Contabilidade Geral e Analítica e Gestão Financeira - Madrid
Nome e tipo da organização de ensino ou formação Arthur Andersen & Company

Aptidões e competências pessoais

Primeira língua **Português**

Outra(s) língua(s)

Auto-avaliação

Nível europeu ()*

Inglês

Espanhol

Compreensão

Compreensão oral	Leitura
B1 Utilizador independente	B1 Utilizador independente
C1 Utilizador avançado	C1 Utilizador avançado

Conversação

Interação oral	Produção oral
B1 Utilizador independente	B1 Utilizador independente
B1 Utilizador independente	B1 Utilizador independente

Escrita

B1 Utilizador independente
B1 Utilizador independente

(*) [*Nível do Quadro Europeu Comum de Referência \(CECR\)*](#)